Tchekhov em Moscou, 1897. Foto de Alieksandr Tchekhov.

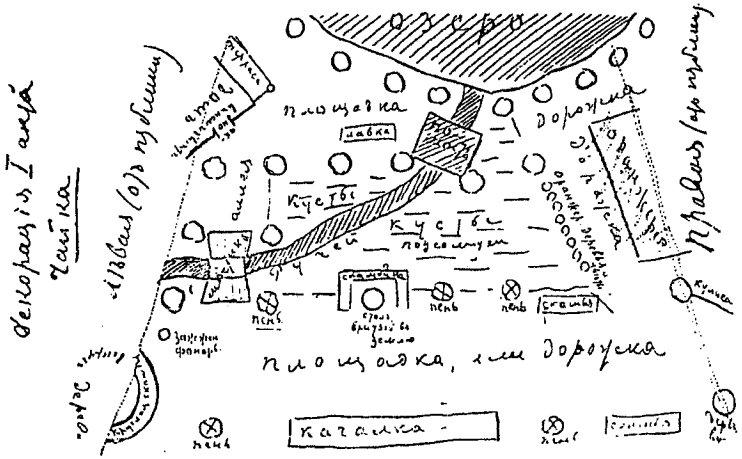
Anton Tchekhov

A GAIVOTA

Tradução e posfácio
Rubens Figueiredo

Cosac & Naify
2004

Esboço de Stanislávski para o primeiro ato.



A GAIVOTA *Comédia em quatro atos*

PERSONAGENS

~~IRINA NIKOLÁIEVNA ARKÁDINA *atriz; Trepliova depois de casada*~~
KONSTANTIN GAVRÍLOVITCH TREPLIOV *seu filho, jovem*
PIOTR NIKOLÁIEVITCH SÓRIN *irmão dela*
NINA MIKHAÍLOVNA ZARIÊTCHNAIA *moça, filha de um rico proprietário de terras*
ILIÁ AFANÁSSIEVITCH CHAMRAIEV *tenente reformado, administrador a serviço de Sórin*
POLINA ANDRÉIEVNA *sua esposa*
MACHA *sua filha*
BORIS ALEKSÊIEVITCH TRIGÓRIN *escritor*
IEVGUÊNI SIERGUÉIEVITCH DORN *médico*
SIEMION SIEMIÓNOVITCH MIEDVIEDIÊNKO *professor*
IÁKOV *trabalhador*
COZINHEIRO
CRIADA

A ação se passa na propriedade rural de Sórin. Entre o terceiro e o quarto ato, há um intervalo de dois anos.

A gaivota encenada pelo Teatro de Arte de Moscou. Primeiro ato: Sórin (V. V. Lujski), Trepliov (V. E. Meierhold), Nina (M. L. Roksânova).

PRIMEIRO ATO

Um trecho do parque na fazenda de Sórin. Uma alameda larga, que parte da platéia e entra pelo parque, rumo a um lago, está parcialmente encoberta por um tablado construído às pressas a fim de servir à apresentação de um espetáculo teatral doméstico, de modo que não é possível ver o lago. Há arbustos à direita e à esquerda do tablado.

Algumas cadeiras, uma mesinha.

O sol acaba de se pôr. No tablado, atrás da cortina baixada, estão Iákov e outros trabalhadores; som de tosse e marteladas. Macha e Miedviediênko entram à esquerda, de volta de um passeio.

MIEDVIEDIÊNKO Por que a senhorita anda sempre de preto?

MACHA Estou de luto pela minha vida. Sou infeliz.

MIEDVIEDIÊNKO Por quê? [*Com ar pensativo*] Não entendo... A senhorita é saudável, e seu pai, embora não seja rico, tem uma situação bastante confortável. A vida para mim é bem mais difícil do que para a senhorita. Ganho apenas vinte e três rublos por mês, uma parte ainda é descontada para o fundo de pensão, e nem por isso ando de luto.

[*Sentam-se.*]

MACHA A questão não é o dinheiro. Mesmo um pobre pode ser feliz.

MIEDVIEDIÊNKO Só na teoria, pois na prática a situação é a seguinte: eu, minha mãe, duas irmãs, um irmão pequeno e um salário de apenas vinte e três rublos. Por acaso não temos de comer e beber? Não precisamos de chá e açúcar? E o tabaco? Não há como dar jeito nisso.

MACHA [*olhando para o tablado*] O espetáculo vai começar daqui a pouco.

MIEDVIEDIÊNKO Sim. Zariêtchnaia vai se apresentar e a peça é uma obra de Konstantin Gavrílovitch. Os dois estão apaixonados e hoje suas almas vão se unir na aspiração de criar uma representação artística única. Mas entre a minha

alma e a sua não existem pontos de contato. Amo a senhorita e, de tanta saudade, não consigo ficar em casa, percorro seis verstas a pé todos os dias para vir aqui, outras seis para voltar e, da sua parte, só encontro indiferença. Mas eu compreendo. Tenho poucos recursos, minha família é grande... Qual mulher vai querer um homem que mal consegue ter o que comer?

MACHA Bobagem. [*Aspira rapé*] O seu amor me comove, mas não consigo corresponder, só isso. [*Oferece a ele a caixinha de rapé*] Sirva-se.

MIEDVIEDIÊNKO Não estou com vontade.

[*Pausa.*]

MACHA Está abafado, deve cair uma tempestade esta noite. O senhor está sempre filosofando ou falando de dinheiro. Para o senhor, não existe infelicidade maior do que a pobreza, enquanto para mim é mil vezes mais fácil vestir andrajos e pedir esmolas do que... Mas o senhor não compreende isso...

[*Sórin e Trepliov entram pela direita.*]

SÓRIN [*apoiando-se na bengala*] No campo, meu caro, não me sinto à vontade e, sem dúvida alguma, nunca vou me habituar a isto. Ontem fui deitar às dez horas e hoje de manhã acordei às nove com a sensação de que, de tanto dormir, meu cérebro havia grudado no crânio. [*Ri*] Depois do almoço, para minha surpresa, caí no sono de novo, e agora

me sinto abatido, é como se vivesse num pesadelo, no fim das contas...

TREPLIOV De fato, seria melhor você morar na cidade. [*Vê Macha e Miedviediênko*] Senhores, serão chamados quando a peça começar, mas agora não podem ficar aqui. Vão embora, por gentileza.

SÓRIN [*para Macha*] Maria Ilinitchna, tenha a gentileza de pedir ao seu paizinho que mande soltar o cachorro para ele parar de latir. Minha irmã passou outra vez a noite inteira sem dormir.

MACHA Fale o senhor mesmo com meu pai, eu não vou falar. Por favor, me dispense disso. [*Para Miedviediênko*] Vamos!

MIEDVIEDIÊNKO [*para Trepliov*] Então, antes que a peça comece, o senhor mande alguém nos chamar.

[*Saem os dois.*]

SÓRIN Quer dizer que, mais uma vez, o cachorro vai ficar latindo a noite inteira. Está vendo só? No campo, nunca vivo do jeito que quero. Antigamente, me davam vinte e oito dias de folga e eu vinha para cá, para descansar, mas aqui me aborreciam com tantas coisas absurdas que, desde o primeiro dia, minha vontade era ir embora. [*Ri*] Eu sempre me sentia contente de ir embora daqui... Mas agora estou aposentado e, no fim das contas, não tenho outro lugar para ficar. Bem ou mal, vou vivendo...

IÁKOV Vamos tomar banho, Konstantin Gavrílitch.

TREPLIOV Muito bem, mas estejam em seus lugares daqui a dez minutos. [*Olha para o relógio*] Começaremos daqui a pouco.

IÁKOV [*para Trepliov*] Pode deixar. [*Sai*]

TREPLIOV [*olhando de relance para o tablado*] Isto sim é um teatro. A cortina, depois o primeiro bastidor, o segundo bastidor e, em seguida, o espaço vazio. Nenhum cenário. A vista se abre direto para o lago e para o horizonte. Levantaremos a cortina exatamente às oito e meia, quando a lua surgir.

SÓRIN Excelente.

TREPLIOV Se Zariêtchnaia se atrasar, o efeito estará perdido, é claro. Já era hora de ela estar aqui. O pai e a madrasta a controlam muito e, para ela, sair de casa é tão difícil como sair de uma prisão. [*Ajeita a gravata do tio*] Sua barba e seu cabelo estão muito compridos. Seria melhor aparar um pouco, não acha?

SÓRIN [*penteando a barba*] Esta é a tragédia da minha vida. Na mocidade, eu tinha sempre o aspecto de um beberrão, você nem imagina. As mulheres jamais gostaram de mim. [*Senta-se*] Por que minha irmã anda de mau humor?

TREPLIOV Por quê? Está entediada. [*Senta-se a seu lado*] Sente ciúmes. Já está até contra mim, contra o espetáculo e contra a minha peça, porque não é ela que vai representar, e sim Zariêtchnaia. Nem conhece a minha peça mas já a odeia.

SÓRIN [*ri*] Você está imaginando coisas, francamente...

TREPLIOV Ela já está aborrecida porque, nesse palco minúsculo, Zariêtchnaia vai brilhar, e não ela. [*Olha para o relógio*] Minha mãe é um caso psicológico muito curioso. Uma mulher de um talento inegável, inteligente, capaz de chorar sobre as páginas de um livro e repetir de cor todos os versos de Niekrássov; cuida dos doentes como um anjo;

mas experimente elogiar Duse diante dela para ver o que acontece. Ah! Só se pode elogiar a ela e a mais ninguém, só se pode escrever sobre ela e aclamá-la e se entusiasmar com a sua extraordinária interpretação em *A dama das camélias* ou em *O enlevo da vida*, mas como aqui no campo não existe esse sedativo, ela se aborrece e se irrita, e todos nós viramos seus inimigos, todos nós somos culpados. Além disso, é supersticiosa, tem medo de três velas acesas e do número treze. É avarenta. No banco, em Odessa, tem guardados setenta mil rublos, sei disso com absoluta certeza. Mas tente pedir um empréstimo e vai ver como na mesma hora ela se põe a chorar.

SÓRIN Você imaginou que sua peça não irá agradar à sua mãe e logo ficou alvoroçado. Acalme-se, sua mãe tem adoração por você.

TREPLIOV [*arrancando as pétalas de uma flor*] Bem me quer, mal me quer, bem me quer, mal me quer, bem me quer, mal me quer. [*Ri*] Está vendo? Minha mãe não me ama. E não é de admirar! Ela quer viver, amar, vestir blusas de cores vistosas, mas eu já tenho vinte e cinco anos e, o tempo todo, a faço lembrar que não é mais jovem. Quando não estou presente, mamãe tem só trinta e dois anos mas, ao meu lado, tem quarenta e três e por isso me odeia. Ela também sabe que eu não tenho grande consideração pelo teatro. Ela ama o teatro e lhe parece que, com isso, presta um grande serviço à humanidade, à arte sagrada, mas para mim o teatro contemporâneo não passa de rotina e superstição. Quando a cortina sobe e, à luz da noite, entre as três paredes, esses talentos formidáveis, os sacerdotes da

arte sagrada, representam como as pessoas comem, bebem, amam, andam, vestem seus casacos; quando, das cenas e das frases mais banais, tentam desencavar uma moral — pequenina, fácil de entender, útil para fins domésticos; quando, em mil variantes, me apresentam sempre a mesma coisa, a mesma coisa e a mesma coisa, então eu fujo correndo, como Maupassant fugia da torre Eiffel, que lhe oprimia o cérebro com sua vulgaridade.

SÓRIN É impossível viver sem o teatro.

TREPLIOV Precisamos de formas novas. Formas novas são indispensáveis e, se não existirem, então é melhor que não haja nada. [*Olha para o relógio*] Amo minha mãe, amo de todo coração; mas ela vive de um modo absurdo, sempre às voltas com esse literato, o nome dela aparece toda hora nos jornais, e isso me aborrece. Às vezes, o egoísmo do mais comum dos mortais toma conta de mim; sinto mágoa por minha mãe ser uma atriz famosa e tenho a impressão de que eu seria mais feliz se ela fosse uma mulher comum. Tio, me diga que situação poderia ser mais desesperadora e mais tola: às vezes, na companhia de minha mãe, há uma multidão de celebridades, artistas e escritores, e entre eles só eu não sou nada, todos só me aturam porque sou filho dela. Quem sou? O que sou? Tive de deixar a faculdade no terceiro ano, por circunstâncias independentes da minha vontade, como costumam dizer, não tenho nenhum talento, nenhum centavo no bolso e, segundo a minha carteira de identidade, não passo de um pequeno-burguês de Kiev. Também o meu pai foi um pequeno-burguês de Kiev, embora tenha sido um ator famoso. Então, quando todos

aqueles artistas e escritores reunidos no salão de visitas da minha mãe se dignavam a me dar atenção, eu tinha a impressão de que, com seus olhares, eles mediam a minha insignificância... Eu adivinhava os pensamentos dessa gente e a humilhação me fazia sofrer...

SÓRIN A propósito, me explique, por favor, que tipo de homem é esse escritor? Eu não o entendo. Vive calado.

TREPLIOV Um homem inteligente, simples, um pouquinho melancólico, você sabe como é. Muito honesto. Ainda está longe dos quarenta anos, mas já é famoso e se sente farto da vida... Com relação ao que ele escreve... como posso lhe dizer? Tem beleza, tem talento... Mas... depois de Tolstói ou de Zola, não dá vontade de ler Trigórin.

SÓRIN Pois quanto a mim, meu caro, adoro escritores. No passado, eu desejava apaixonadamente duas coisas: casar e ser um escritor, mas não consegui nem uma coisa nem outra. Pois é. No fim das contas, até ser um escritor menor é agradável.

TREPLIOV [*pondo-se a ouvir com atenção*] Ouço passos... [*Abraça o tio*] Não posso viver sem ela... Até o som dos seus passos é bonito... Fico louco de felicidade. [*Vai às pressas ao encontro de Nina Zariêtchnaia, que entra*] Feiticeira, meu sonho...

NINA [*emocionada*] Não cheguei atrasada... Sei que não estou atrasada, estou?

TREPLIOV [*beijando as mãos dela*] Não, não, não...

NINA Fiquei agitada o dia inteiro, senti tanto medo! Tive medo de que papai não me deixasse vir... Mas ele saiu com minha madrasta. O céu está vermelho, a lua já está começando a subir e eu fiz meu cavalo correr e correr tanto! [*Ri*] Mas estou contente. [*Aperta com força a mão de Sórin*]

SÓRIN [*Ri*] Seus olhinhos parecem ter chorado... Ora, ora! Isso não é bom!

NINA Não foi nada... Vejam, estou até sem fôlego. Tenho de voltar daqui a meia hora, precisamos nos apressar. Não posso, não posso, não me detenham, pelo amor de Deus. Papai não sabe que estou aqui.

TREPLIOV Na verdade, já é hora de começar. Temos de chamar a todos.

SÓRIN Eu vou buscá-los. Num minuto. [*Segue para a direita e canta*] "Dois granadeiros foram para a França..." [*Olha para trás*] Uma vez cantei assim e um colega procurador me disse: "Vossa Excelência tem a voz possante..." Depois pensou um pouco e acrescentou: "Mas... enjoativa". [*Ri e sai*]

NINA Papai e sua esposa não me deixam vir para cá. Dizem que aqui só há boêmios... Eles têm medo de que eu acabe me tornando uma atriz... Mas eu me sinto atraída para cá, para o lago, como uma gaivota... Meu coração é todo seu. [*Olha para trás*]

TREPLIOV Estamos sozinhos.

NINA Parece que tem alguém lá...

TREPLIOV Não há ninguém. [*Beijam-se*]

NINA Que árvore é esta?

TREPLIOV Um olmo.

NINA Por que está tão escuro?

TREPLIOV Já está anoitecendo, todas as coisas ficam escuras. Não vá embora tão cedo, eu imploro.

NINA É impossível.

TREPLIOV E se eu também for à sua casa, Nina? Vou ficar no jardim a noite inteira e olhar para a sua janela.

NINA É impossível. O cão de guarda iria perceber. Tresor ainda não está habituado com você e iria começar a latir.

TREPLIOV Amo você.

NINA Psss...

TREPLIOV [*ouvindo passos*] Quem está aí? É você, Iákov?

IÁKOV [*atrás do tablado*] Sim, senhor.

TREPLIOV Tomem seus lugares. Está na hora. A lua está subindo?

IÁKOV Sim, senhor.

TREPLIOV O álcool está aí? O enxofre também? Quando aparecerem os olhos vermelhos, tem de haver um cheiro de enxofre. [*Para Nina*] Vá, já está tudo preparado. Está nervosa?...

NINA Sim, muito. Sua mãe... Não, dela eu não receio nada, mas Trigórin está aqui... Tenho medo e vergonha de representar diante dele... Um escritor famoso... É jovem?

TREPLIOV É.

NINA Como os contos dele são maravilhosos!

TREPLIOV [*com frieza*] Não sei, nunca li.

NINA É difícil representar a peça que você escreveu. Não tem personagens vivos.

TREPLIOV Personagens vivos! Não se deve representar a vida do jeito que ela é, nem do jeito que devia ser, mas sim como ela se apresenta nos sonhos.

NINA Na sua peça há pouca ação, é só declamação, do início ao fim. E, para mim, uma peça precisa ter amor...

[*Saem por trás do tablado. Entram Polina Andréievna e Dorn.*]

POLINA Está ficando úmido. Volte e calce as galochas.

DORN Estou com calor.

POLINA O senhor não se cuida direito. É pura teimosia. O senhor é médico e sabe muito bem que o ar úmido lhe faz mal, mas insiste nisso só para me fazer sofrer. Ontem, o senhor passou a noite inteira sentado na varanda, de propósito...

DORN [*cantarola*] "Não diga que a mocidade está perdida."

POLINA O senhor ficou tão empolgado com a conversa com Irina Nikoláievna... que nem notou o frio. Confesse que gostou dela.

DORN Tenho cinqüenta e cinco anos.

POLINA Deixe disso: para um homem, isso não é velhice. O senhor está esplendidamente conservado e ainda agrada às mulheres.

DORN Mas o que a senhora quer dizer, afinal?

POLINA Diante de uma atriz, todos vocês estão sempre dispostos a ficar de joelhos. Todos!

DORN [*cantarola*] "Estou de novo diante de ti..." Se os atores são admirados na sociedade e recebem um tratamento diferente do que se dispensa, por exemplo, aos comerciantes, isso é perfeitamente natural. É o idealismo.

POLINA As mulheres sempre se apaixonavam pelo senhor e se atiravam nos seus braços. Isso também era idealismo?

DORN [*dando de ombros*] Ora! Havia muita coisa boa nas atenções que as mulheres me dedicavam. Em mim, elas estimavam sobretudo o médico competente. Uns dez... ou quinze anos atrás, a senhora se lembra, eu era o único obstetra capaz em toda a província. Além do mais, sempre fui um homem honrado.

POLINA [*segura a mão dele*] Meu querido!

DORN Fale baixo, vem gente.

[*Entram Arkádina e Sórin de braços dados, Trigórin, Chamraiev, Miedviediênko e Macha.*]

CHAMRAIEV Em 1873, na feira de Poltava, ela representou de forma magnífica. Uma maravilha! Um milagre! [*Para Arkádina*] Por acaso a senhora não sabe por onde anda agora o cômico Pavel Siemiônitch Tchadin? Ele era incomparável no papel de Raspliuiev, melhor do que Sadovski, eu juro, minha cara. Por onde ele anda agora?

ARKÁDINA O senhor sempre pergunta a respeito dessas pessoas antediluvianas. Como vou saber? [*Senta-se*]

CHAMRAIEV [*suspira*] Pachka Tchadin! Não existem mais atores como ele! O teatro entrou em decadência, Irina Nikoláievna! Antigamente, havia carvalhos grandiosos; hoje, só vemos uns toquinhos de árvore.

DORN Hoje há poucos talentos brilhantes, é verdade, mas o nível dos atores medianos melhorou muito.

CHAMRAIEV Não posso concordar com o senhor. Aliás, esta é uma questão de gosto. *De gustibus aut bene, aut nihil.*[1]

[*Trepliov entra, vindo de trás do tablado.*]

ARKÁDINA [*para o filho*] Meu filho querido, quando a peça vai começar?

TREPLIOV Num minuto. Tenha paciência.

1 Em latim no original: "Sobre o gosto, fale-se bem ou nada se fale". O personagem mistura dois provérbios: "sobre o gosto, não se discute" e "sobre os mortos, fale-se bem ou nada se fale". [N. T.]

ARKÁDINA [*recita um trecho de* Hamlet] "Meu filho, Hamlet! Tu fizeste meus olhos se voltarem para dentro da minha alma e eu a descobri tão coberta de sangue e de chagas mortais que não pode mais haver salvação!"

TREPLIOV [*também de* Hamlet] "Então para que te entregaste ao vício e foste buscar o amor num abismo de crime?"

[*Por trás do tablado, tocam um clarim.*]

TREPLIOV Senhores, vai começar! Peço a atenção de todos! Eu começo. [*Bate com um bastão e fala bem alto*] Ó, veneráveis sombras antigas, que nas horas noturnas pairam sobre este lago, façam-nos dormir e sonhar com aquilo que há de acontecer daqui a duzentos mil anos!

SÓRIN Daqui a duzentos mil anos, não existirá mais nada.

TREPLIOV Pois então que nos mostrem como será esse nada.

ARKÁDINA Assim seja. Já estamos dormindo.

[*A cortina se levanta, surge a vista do lago; a lua, logo acima do horizonte, reflete-se na água; sobre uma pedra grande, está sentada Nina Zariêtchnaia, toda de branco.*]

NINA Homens, leões, águias e perdizes, cervos de grandes chifres, gansos, aranhas, peixes silenciosos que habitavam as águas, estrelas do mar e criaturas que os olhos não eram capazes de ver — em suma, todas as vidas, todas as vidas, todas as vidas, depois de concluírem seu triste ciclo, se extinguiram... Há muitos milhares de anos não existe mais uma única criatura viva sobre a terra e esta pobre lua acende sua lanterna em vão.

No prado, os grous já não despertam com um grito, nem se ouvem os besouros nos bosques de tílias. Frio, frio, frio. Deserto, deserto, deserto. Horror, horror, horror.

[*Pausa.*]

NINA Os corpos dos seres vivos se desfizeram em pó e a matéria eterna os transformou em pedra, água, nuvens, e as almas de todos os seres vivos fundiram-se em uma só. A alma do mundo sou eu... eu... Em mim, habita a alma de Alexandre o Grande, de César, de Shakespeare, de Napoleão e a alma da mais reles sanguessuga. Em mim, as consciências de todos fundiram-se com os instintos dos animais e eu me lembro de tudo, de tudo, e sinto em mim todas as vidas viverem de novo.

[*Rebrilham fogos-fátuos no pântano.*]

ARKÁDINA [*em voz baixa*] Isso está um tanto decadentista.

TREPLIOV [*em tom de súplica e de censura*] Mãe!

NINA Estou só. Uma vez a cada cem anos, abro a boca para falar e minha voz ressoa neste deserto tristonho, mas ninguém escuta... E vocês, ó pálidas luzes dos fogos-fátuos, não me escutam... De madrugada, o pântano pútrido as traz ao mundo e vocês, pálidas luzes, vagueiam até a aurora, mas sem pensamentos, sem vontade, sem os tremores da vida. Receoso de que a vida irrompa em vocês, o pai da matéria eterna, o diabo, promove um fluxo incessante de átomos, como acontece com as pedras e a água, e vocês são

continuamente transformadas. No universo, só o espírito permanece constante e invariável.

[*Pausa.*]

NINA Como um prisioneiro lançado num poço profundo e vazio, não sei onde estou e o que me espera. Para mim, só é claro que, na batalha encarniçada e cruel contra o diabo, origem das forças materiais, estou destinado a sair vencedor, e, depois disso, a matéria e o espírito se fundirão em uma harmonia maravilhosa e terá início o reino da vontade universal. Mas isso só acontecerá quando, pouco a pouco, ao fim de uma longa série de milênios, a lua, a luminosa Sírius e a terra se houverem transformado em poeira... Até lá, o horror, o horror...

[*Pausa; no outro lado do lago, surgem dois pontinhos vermelhos.*]

NINA Eis que se aproxima meu poderoso adversário, o diabo. Vejo seus olhos rubros e medonhos...

ARKÁDINA Sinto cheiro de enxofre. Será mesmo necessário?

TREPLIOV É, sim.

ARKÁDINA [*rí*] Ah, é um efeito especial.

TREPLIOV Mãe!

NINA Ele se entedia, sem ninguém...

POLINA [*para Dorn*] O senhor tirou o chapéu. Cubra-se, ou vai se resfriar.

ARKÁDINA O médico tirou o chapéu porque está diante do diabo, o pai da matéria eterna.

TREPLIOV [*com raiva, erguendo a voz*] A peça acabou! Chega! Baixem a cortina!

ARKÁDINA Por que você ficou zangado?

TREPLIOV Chega! Cortina! Baixem a cortina! [*Bate o pé*] Cortina!

[*A cortina é baixada.*]

TREPLIOV Peço desculpas! Esqueci que só uns poucos eleitos podem escrever peças e representar num palco. Perturbei o monopólio! Para mim... eu... [*Ainda deseja falar alguma coisa, mas abana a mão e sai pela esquerda*]

ARKÁDINA Mas o que deu nele?

SÓRIN Você o ofendeu.

ARKÁDINA Ele mesmo avisou que era uma brincadeira, então tratei sua peça como uma brincadeira.

SÓRIN Mesmo assim...

ARKÁDINA Pois, então, agora ficamos sabendo que ele escreveu uma obra genial! Era só o que faltava! Quer dizer que ele montou esse espetáculo e soltou essa fumaceira com cheiro de enxofre não por brincadeira, mas como um protesto... Quer nos ensinar como se deve escrever e o que se deve representar... No fim, tudo isso me dá tédio. Esses ataques constantes contra mim, ou essas pirraças, se preferirem, são de encher a paciência de qualquer pessoa! Um menino mimado e birrento.

SÓRIN Ele quis lhe oferecer uma diversão.

ARKÁDINA Ah, é? No entanto, em vez de escolher uma peça comum, ele nos obrigou a escutar esse disparate decadentista. Pois estou disposta a ouvir uma brincadeira, e até um

disparate, mas não essas pretensões a formas novas e a uma nova era na arte. Para mim, não se trata de formas novas, o que há aqui é apenas má índole.

TRIGÓRIN Cada um escreve como quer e como pode.

ARKÁDINA Pois que ele escreva como quiser e como puder, mas que me deixe em paz.

DORN Júpiter, estás irado...[2]

ARKÁDINA Não sou Júpiter, sou uma mulher. [*Acende um cigarro*] Não estou irada, só lamento que um jovem passe seu tempo de modo tão enfadonho. Eu não queria ofendê-lo.

MIEDVIEDIÊNKO Ninguém dispõe dos meios de separar o espírito da matéria, pois talvez o próprio espírito seja um conjunto de átomos. [*Animado, para Trigórin*] Que tal escrever uma peça sobre como vivem os nossos irmãos professores e levá-la ao palco? É uma vida difícil, muito difícil!

ARKÁDINA É uma idéia justa, mas não vamos falar mais de peças, nem de átomos. A noite está tão agradável! Escutem! Não estão cantando? [*Ouve com atenção*] Que bonito!

POLINA Vem da outra margem.

[*Pausa.*]

ARKÁDINA [*para Trigórin*] Sente-se ao meu lado. Uns dez ou quinze anos atrás, aqui no lago, quase todas as noites se ouvia música e cantoria. Aqui, na beira do lago, existem seis grandes casas de campo. Lembro-me dos risos, das vozes,

2 Início de um provérbio latino: "Júpiter, estás irado; significa que estás enganado". [N. T.]

dos tiros das caçadas, dos namoros, tantos namoros... O *jeune premier*, o galã e ídolo das seis propriedades, na época, permitam que lhes apresente [*acena com a cabeça na direção de Dorn*], era o doutor Ievguêni Sierguêievitch. Hoje, é um homem encantador, mas era irresistível naquele tempo. Pronto, minha consciência já começou a me torturar. Por que fui ofender o meu pobre menino? Estou tão aflita. [*Em voz mais alta*] Kóstia! Meu filho! Kóstia!

MACHA Vou procurá-lo.

ARKÁDINA Muito obrigada, querida.

MACHA [*saindo pela esquerda*] Ei! Konstantin Gavrílovitch... Ei! [*Sai*]

NINA [*vindo de trás do tablado*] Está claro que a peça não vai mais continuar, por isso já posso sair. Boa noite para todos! [*Beija Arkádina e Polina Andréievna*]

SÓRIN Bravo! Bravo!

ARKÁDINA Bravo, bravo! Ficamos encantados. Com essa aparência, com essa voz tão fora do comum, é até um pecado ficar escondida aqui no campo. A senhorita parece ter muito talento. Está ouvindo? Seu dever é subir ao palco!

NINA Ah, esse é o meu sonho! [*Suspira*] Mas nunca se tornará realidade.

ARKÁDINA Quem pode saber? Permita que lhe apresente Boris Aleksêievitch Trigórin.

NINA Ah, muito prazer... [*Encabulada*] Leio sempre o que o senhor escreve...

ARKÁDINA [*sentando-se ao lado dela*] Não fique encabulada, minha querida. Trigórin é uma celebridade mas, por dentro, é um homem simples. Veja, ele mesmo está encabulado.

DORN Creio que agora já podemos levantar a cortina, pois deste jeito fica tétrico.

CHAMRAIEV [*em voz alta*] Iákov, levante a cortina, meu rapaz!

[*Ergue-se a cortina.*]

NINA [*para Trigórin*] Não achou estranha essa peça?

TRIGÓRIN Não compreendi nada. Mesmo assim, acompanhei tudo com prazer. A senhorita representou com muita sinceridade. E o cenário era magnífico.

[*Pausa.*]

TRIGÓRIN Nesse lago deve haver muitos peixes.

NINA Há, sim.

TRIGÓRIN Adoro pescar. Para mim, não existe prazer maior do que ficar sentado na beira de um lago, à tardinha, olhando para a bóia presa à linha.

NINA Mas eu imagino que, para quem experimentou o prazer da criação artística, todos os outros prazeres perdem o sentido.

ARKÁDINA [*ri*] Não fale assim. Quando lhe dizem coisas gentis, ele fica muito sem graça.

CHAMRAIEV Lembro que, certa vez, no teatro de ópera em Moscou, o famoso Silva cantou o dó mais grave. Nessa ocasião, como que de propósito, estava sentado na galeria um dos baixos do coro da nossa arquidiocese, e de repente, os senhores podem calcular o nosso espanto, ouvimos uma voz lá na galeria: "Bravo, Silva!". Uma oitava inteira

abaixo... Assim: [*com voz grave*] "Bravo, Silva!". O teatro como que congelou.

[*Pausa.*]

DORN Passou um anjo por aqui.

NINA Está na minha hora. Adeus.

ARKÁDINA Aonde vai? Aonde vai tão cedo? Não a deixaremos ir embora.

NINA Papai está à minha espera.

ARKÁDINA Como ele pode fazer isso conosco?

[*Beijam-se.*]

ARKÁDINA Bem, o que se vai fazer? É uma pena que a senhorita tenha de ir embora.

NINA A senhora nem imagina como eu lamento ter de partir.

ARKÁDINA Alguém devia acompanhá-la até sua casa, meu anjo.

NINA [*assustada*] Ah, não. Não!

SÓRIN [*para ela, em tom de súplica*] Fique!

NINA Não posso, Piotr Nikoláievitch.

SÓRIN Fique só mais uma hora. Por favor...

NINA [*após refletir, em lágrimas*] É impossível! [*Abana a mão e sai ligeiro*]

ARKÁDINA Uma jovem muitíssimo infeliz. Dizem que sua falecida mãe deixou de herança para o marido toda a sua imensa fortuna, até o último copeque, e agora essa mocinha ficou sem nada, pois o pai já deixou tudo de herança para a segunda esposa. É revoltante.

DORN Sim, o pai dela, justiça seja feita, é um verdadeiro boçal.

SÓRIN [*esfregando as mãos geladas*] Vamos entrar, senhores, antes que fique muito úmido. Minhas pernas estão doendo.

ARKÁDINA Suas pernas parecem de madeira, quase não se mexem. Vamos lá, velho desafortunado. [*Segura-o pelo braço*]

CHAMRAIEV [*oferecendo o braço à esposa*] Madame?

SÓRIN Estou ouvindo o cachorro uivar de novo. [*Para Chamraiev*] Iliá Afanássievitch, faça a gentileza de mandar soltar esse cachorro.

CHAMRAIEV É impossível, Piotr Nikoláievitch. Tenho medo de que os ladrões entrem no celeiro. Lá, eu guardo o meu painço. [*Para Miedviediênko, que caminha a seu lado*] Pois foi assim mesmo, uma oitava inteira abaixo: "Bravo, Silva!". E nem era um cantor de ópera, mas um simples cantor do coro da arquidiocese.

MIEDVIEDIÊNKO E quanto ganha um cantor do coro da arquidiocese?

[*Todos saem, exceto Dorn.*]

DORN [*sozinho*] Não sei, talvez eu não entenda mesmo nada, ou esteja maluco, mas gostei da peça. Há alguma coisa, ali. Quando aquela mocinha falou sobre solidão e depois, quando surgiram os olhos vermelhos do diabo, minhas mãos tremeram de emoção. Há um frescor, uma inocência... Ah, parece ser ele quem vem ali. Eu gostaria de lhe dizer muitas coisas agradáveis.

TREPLIOV [*entra*] Já não tem mais ninguém.

DORN Eu estou aqui.

TREPLIOV A Máchenka andou atrás de mim pelo parque inteiro. Criatura insuportável.

DORN Konstantin Gavrílovitch, a peça do senhor me agradou imensamente. É um tanto estranha e não pude ver o final, mesmo assim o efeito é forte. O senhor é um homem de talento, deve persistir.

[*Trepliov aperta com força sua mão e o abraça, impetuoso.*]

DORN Puxa, como está nervoso! Tem lágrimas nos olhos... Mas o que era mesmo que eu queria lhe dizer? O senhor foi colher seu assunto na esfera das idéias abstratas. E isso é muito bom, porque uma obra de arte deve necessariamente expressar um pensamento elevado. Só o que é sério pode ser belo. Mas como o senhor está pálido!

TREPLIOV Então o senhor diz que devo persistir?

DORN Sim... Mas só ponha em cena o que for importante e eterno. O senhor sabe, levei uma vida bem variada e aproveitei bastante o meu tempo, não tenho do que me queixar, mas se me tivesse acontecido de experimentar uma elevação do espírito, como ocorre com os artistas na hora da criação, acho que eu teria desprezado o meu invólucro material e tudo o que é próprio dele, e me deixado levar para as alturas, para bem longe da terra.

TREPLIOV Perdão, mas onde está Zariêtchnaia?

DORN E mais uma coisa. Nas obras de arte, deve haver um pensamento claro, bem definido. O senhor precisa saber para que escreve, senão, ao trilhar esse caminho pitoresco

sem ter um objetivo bem definido, vai acabar se perdendo e o seu talento será a sua perdição.

TREPLIOV [*impaciente*] Onde está Zariêtchnaia?

DORN Foi para casa.

TREPLIOV [*em desespero*] O que vou fazer agora? Queria falar com ela... Preciso vê-la de qualquer jeito... Vou atrás dela...

[*Entra Macha.*]

DORN [*para Trepliov*] Acalme-se, meu amigo.

TREPLIOV Irei atrás dela, seja como for. Tenho de ir.

MACHA É melhor ir para casa, Konstantin Gavrílovitch. Sua mãe espera pelo senhor. Está preocupada.

TREPLIOV Diga a ela que parti. Peço a todos vocês que me deixem em paz! Deixem-me! Não venham atrás de mim!

DORN Ora, ora, ora, meu caro... Não se pode agir assim... Não é bom.

TREPLIOV [*entre lágrimas*] Adeus, doutor. Muito obrigado... [*Sai*]

DORN [*suspira*] Mocidade, mocidade!

MACHA Quando não temos mais nada para dizer, dizemos: "ah, mocidade, mocidade...". [*Aspira rapé*]

DORN [*toma a caixinha de rapé da mão dela e a atira entre as moitas*] Isto é nojento!

[*Pausa.*]

DORN Parece que estão tocando música lá dentro. Vamos até lá.

MACHA Espere.

DORN O que é?

MACHA Ainda quero lhe dizer uma coisa. Quero falar com o senhor... [*Emociona-se*] Não gosto do meu pai... mas meu coração tem um fraco pelo senhor. Não sei por quê, mas sinto com toda minha alma que o senhor é alguém próximo de mim... Ajude-me, ajude-me, para que eu não cometa uma estupidez, não estrague minha vida, não a desperdice... Não agüento mais...

DORN Mas o que há? Ajudá-la como?

MACHA Estou sofrendo. Ninguém, ninguém conhece meus sofrimentos. [*Reclina a cabeça no peito dele, fala em voz baixa*] Amo Konstantin.

DORN Como todos estão nervosos! Como todos estão nervosos! E quanto amor... Ó, lago enfeitiçado! [*Com ternura*] Mas o que posso fazer, minha criança? O quê? O quê?

[*Cortina.*]

A gaivota encenada pelo Teatro de Arte de Moscou. Segundo ato: Polina (E. M. Raiévskaia), Dorn (A. K. Vichniévski).

Segundo ato: Nina (M. L. Roksânova), Trigórin (K. S. Stanislávski).

SEGUNDO ATO

Campo de croqué. No canto direito, uma casa com uma ampla varanda; à esquerda, vê-se o lago no qual o sol se reflete e brilha. Flores. Meio-dia. Calor. À beira do campo, à sombra de uma velha tília, estão Arkádina, Dorn e Macha, sentados num banco. Sobre os joelhos de Dorn, um livro aberto.

ARKÁDINA [*para Macha*] Vamos nos levantar.

[*As duas se levantam.*]

ARKÁDINA Vamos ficar lado a lado. A senhorita tem vinte e dois anos e eu tenho quase o dobro. Ievguêni Sierguêievitch, qual de nós duas parece mais jovem?

DORN A senhora, é claro.

ARKÁDINA Viu? E por quê? Porque eu trabalho, eu sinto, vivo atarefada, enquanto a senhorita fica o tempo todo parada, no mesmo lugar, não vive... E eu tenho uma regra: não dirigir meu olhar para o futuro. Nunca penso na velhice, nem na morte. De que adianta, se não há como evitar?

MACHA Pois tenho a sensação de que nasci há muito, muito tempo; arrasto a minha vida, como uma interminável cauda de vestido... E muitas vezes não sinto a menor vontade de viver. [*Senta-se*] Eu sei, tudo isso é bobagem. É preciso animar-se, livrar-se disso tudo.

DORN [*cantarolando baixinho*] "Vão, minhas flores, e digam a ela..."

ARKÁDINA Além do mais, sou muito regrada, como um inglês. Eu, minha cara, ando sempre na linha, como dizem, estou sempre vestida e penteada *comme il faut*. Para que vou sair de casa de blusão ou despenteada, ainda que só para vir ao

jardim? Jamais. Pois eu sempre soube me cuidar, nunca fui uma desleixada, não relaxei, como fazem algumas... [*Põe as mãos na cintura, passeia pelo campo de croquê*] Vejam: pareço uma criança! Poderia representar o papel de uma menina de quinze anos.

DORN Muito bem, no entanto vou prosseguir a leitura. [*Apanha o livro*] Paramos no vendedor de cereais e nas ratazanas...

ARKÁDINA Sim, nas ratazanas. Leia. [*Senta-se*] Ou melhor, me dê o livro, eu vou ler. É minha vez. [*Pega o livro e procura com os olhos o lugar certo*] As ratazanas... Aqui está... [*Lê*] "E, naturalmente, adular e atrair escritores é tão arriscado para pessoas da sociedade como, para um vendedor de cereais, criar ratazanas em seus celeiros. Mesmo assim, essas pessoas adoram os escritores. Pois bem, quando uma mulher escolhe um escritor que deseja cativar, ela o assedia com mil elogios, amabilidades e gentilezas..." Ora, pode até ser assim entre os franceses, mas entre nós é muito diferente, em todos os aspectos. Nossas mulheres, em geral, antes de cativarem um escritor, já estão completamente apaixonadas por ele, não tenham dúvida. Nem é preciso ir muito longe, pensem em mim e em Trigórin...

[*Entra Sórin, apoiando-se numa bengala de bambu, ao lado de Nina; Miedviediênko empurra uma cadeira de rodas atrás dele.*]

SÓRIN [*no tom de quem mima uma criança*] E então? Estamos alegres? Finalmente estamos felizes? [*Para sua irmã*] Sim, hoje estamos só alegria! O pai e a madrasta partiram para Tvier e agora estamos livres por três dias inteiros.

NINA [*senta-se ao lado de Arkádina e a abraça*] Estou tão feliz! Eu agora pertenço à senhora.

SÓRIN [*senta-se na sua cadeira*] Ela está linda hoje.

ARKÁDINA Elegante, atraente... E, além de tudo, a senhorita é inteligente. [*Beija Nina*] Mas não devemos elogiar demais, para evitar o olho grande. Onde está Boris Aleksêievitch?

NINA Está pescando no lugar reservado para banhos.

ARKÁDINA Como é que não enjoa disso? [*Quer continuar a ler*]

NINA O que a senhora está lendo?

ARKÁDINA "Sobre a água", de Maupassant, minha querida. [*Lê algumas linhas só para si*] Ora, daqui para diante o conto fica falso e sem graça. [*Fecha o livro*] Estou muito preocupada. Diga-me, o que há com meu filho? Por que anda tão aborrecido e tristonho? Passa dias inteiros na beira do lago e quase não o vejo.

MACHA Ele está magoado. [*Para Nina, timidamente*] Por favor, a senhorita poderia recitar um trecho da peça dele?

NINA [*encolhendo os ombros*] Quer mesmo? Mas é tão sem graça!

MACHA [*contendo o entusiasmo*] Quando ele lê alguma coisa, os olhos brilham e o rosto empalidece. Sua voz é linda, triste; e ele tem um jeito de poeta.

[*Ouvem-se os roncos de Sórin.*]

DORN Que tarde serena!

ARKÁDINA Pietrucha!

SÓRIN Ah? O quê?

ARKÁDINA Pegou no sono?

SÓRIN De jeito nenhum.

[*Pausa.*]

ARKÁDINA Você não se trata, e isso não é bom, meu irmão.

SÓRIN Eu bem que gostaria de me tratar, mas o médico não quer.

DORN Tratar-se aos sessenta anos!

SÓRIN Mesmo aos sessenta anos, a pessoa tem vontade de viver.

DORN [*aborrecido*] Ah, então tome umas gotinhas de valeriana.

ARKÁDINA Acho que ele devia passar uma temporada numa estação de águas.

DORN Ora, tanto faz. Pode ir, como pode não ir.

ARKÁDINA Não entendi.

DORN Não há mesmo nada para entender. Está tudo muito claro.

[*Pausa.*]

MIEDVIEDIÊNKO Piotr Nikoláievitch devia parar de fumar.

SÓRIN Bobagem.

DORN Não, não é bobagem. A bebida e o fumo destroem a personalidade. Depois de alguns charutos ou de alguns cálices de vodca, o senhor já não é mais Piotr Nikoláievitch, mas sim Piotr Nikoláievitch acrescido de uma outra pessoa; o seu eu se dilui e o senhor se refere a si mesmo na terceira pessoa: "ele".

SÓRIN [*ri*] O senhor sabe se expressar muito bem. Aproveitou a vida, mas e eu? Trabalhei numa repartição da Justiça durante vinte e oito anos e, no final das contas, ainda não vivi, ainda não experimentei coisa alguma e, não admira, sinto uma enorme vontade de viver. O senhor já está saciado, não se importa mais, por isso tem

uma inclinação para a filosofia, ao passo que eu desejo viver e por isso, depois do jantar, bebo xerez, fumo charutos e tudo o mais.

DORN É preciso encarar a vida com seriedade, mas buscar tratamento médico aos sessenta anos e ficar se lamuriando por ter tido poucos prazeres na juventude, isso, queira me desculpar, não passa de uma leviandade.

MACHA [*levanta-se*] Já deve estar na hora do almoço. [*Caminha com preguiça, a passos frouxos*] Minha perna ficou dormente... [*Retira-se*]

DORN Lá vai ela tomar dois calicezinhos, antes do almoço.

SÓRIN A pobrezinha não conhece felicidade alguma.

DORN Tolices, Sua Excelência.

SÓRIN O senhor se expressa como um homem saciado de viver.

ARKÁDINA Ah, o que pode ser mais enfadonho do que esse doce tédio rural? Calor, silêncio, nunca ninguém faz coisa alguma, e todos filosofam... Quanto aos senhores, meus amigos, está tudo bem, é agradável ouvi-los, mas... Ficar sozinha num quarto de hotel e decorar as falas de uma personagem é muito melhor!

NINA [*empolgada*] É verdade! Eu entendo a senhora.

SÓRIN Naturalmente, na cidade vive-se melhor. Podemos ficar sossegados no nosso gabinete de estudo, o criado não deixa ninguém entrar sem nossa permissão, temos o telefone... Na rua, há carruagens de aluguel e tudo o mais...

DORN [*cantarola*] "Vão, minhas flores, e digam a ela..."

[*Entra Chamraiev. Atrás dele, Polina Andréievna.*]

CHAMRAIEV Aqui está ela. Bom dia! [*Beija a mão de Arkádina e depois a de Nina*] É uma alegria imensa encontrá-la com boa saúde. [*Para Arkádina*] Minha esposa disse que a senhora tem a intenção de ir à cidade hoje, em companhia dela. É verdade?

ARKÁDINA Sim, é nossa intenção.

CHAMRAIEV Hum... Isto é ótimo, mas de que modo pretende ir, prezadíssima senhora? Hoje, temos de transportar o centeio, todos os trabalhadores estão ocupados! E, se me permite a pergunta, que cavalos pretende usar?

ARKÁDINA Que cavalos? Como vou saber, que cavalos?

SÓRIN Mas nós temos cavalos para o coche.

CHAMRAIEV [*agitado*] Cavalos para o coche? E onde vou arranjar os arreios? Onde vou arranjar os arreios? É espantoso! É inconcebível! Estimadíssima senhora! Perdoe-me, tenho enorme reverência pelo seu talento e estou disposto a lhe dar dez anos da minha própria vida mas, cavalos, eu não posso dar!

ARKÁDINA Mas como assim, se eu preciso ir à cidade? Que coisa estranha!

CHAMRAIEV Prezadíssima senhora! A senhora não sabe o que significa administrar uma propriedade rural!

ARKÁDINA [*irritada*] É sempre a mesma história! Nesse caso, parto hoje mesmo para Moscou. Mande alugar um coche para mim, na cidade, senão irei para a estação a pé!

CHAMRAIEV [*irritado*] Se é assim, eu me demito do meu cargo! Tratem de arranjar outro administrador. [*Sai*]

ARKÁDINA Todo verão é a mesma história, todo verão venho aqui para ser insultada! Nunca mais porei os pés neste

lugar! [*Sai pela esquerda, onde se supõe ficar o local reservado para banhos; após um minuto, vê-se Arkádina caminhando para casa; atrás dela, vai Trigórin, com caniços e um balde*]

SÓRIN [*irritado*] Que desaforo! Onde é que já se viu? Já estou farto dessa história. Tragam aqui, imediatamente, todos os cavalos!

NINA [*para Polina Andréievna*] Recusar um pedido de Irina Nikoláievna, uma atriz famosa! Será que um desejo dela, mesmo quando for um simples capricho, não é mais importante do que toda a propriedade dos senhores? Isto é simplesmente inacreditável!

POLINA [*em desespero*] O que posso fazer? Ponha-se na minha situação: o que posso fazer?

SÓRIN [*para Nina*] Vamos falar com a minha irmã... Vamos juntos implorar a ela que fique. Não é melhor assim? [*Olhando para a direita, por onde se retirou Chamraiev*] Mas que homem insuportável! Que tirano!

NINA [*impedindo que ele se levante*] Fique onde está, espere... Nós o levaremos... [*Nina e Miedviediênko empurram a cadeira de rodas*] Ah, que coisa horrível!

SÓRIN Sim, sim, é mesmo horrível... Mas ele não vai se demitir. Vou agora mesmo conversar com ele.

[*Saem. Ficam apenas Dorn e Polina Andréievna.*]

DORN Que gente enfadonha. Na verdade, o marido da senhora devia ser posto para fora daqui com uma boa surra, mas no fim esse velhote molenga do Piotr Nikoláievitch e a irmã dele ainda vão lhe pedir desculpas. A senhora vai ver!

POLINA Até os cavalos de atrelar no coche ele mandou para o campo. Todo dia há desentendimentos desse tipo. Se o senhor soubesse como isso me perturba! Chego a ficar doente; veja, estou tremendo... Não suporto as grosserias dele... [*Com ar de súplica*] Ievguiêni, querido, adorado, leve-me com você... O nosso tempo está passando, já não somos jovens. Se pelo menos no fim da vida pudéssemos não fingir, não mentir...

[*Pausa.*]

DORN Tenho cinqüenta e cinco anos, é tarde demais para um homem mudar de vida.

POLINA Eu entendo, o senhor me rejeita porque, além de mim, existem outras mulheres que lhe são caras. E não pode levar todas consigo. Eu entendo. Desculpe, estou aborrecendo o senhor.

[*Vê-se Nina perto da casa; colhe flores.*]

DORN Não é nada disso.

POLINA Sofro por causa dos ciúmes. Claro, o senhor é médico, não pode evitar as mulheres. Eu entendo...

DORN [*para Nina, que se aproxima*] Como estão as coisas lá dentro?

NINA Irina Nikoláievna está chorando e Piotr Nikoláievitch está com um acesso de asma.

DORN [*se levanta*] Vou dar a eles umas gotinhas de valeriana...

NINA [*dá flores para Dorn*] Por favor!

DORN *Merci bien.* [*Caminha na direção da casa*]

POLINA [*caminhando ao lado de Dorn*] Que flores lindas! [*Perto da casa, abaixa a voz*] Me dê essas flores! Me dê essas flores, já! [*De posse das flores, ela as estraçalha e joga para o lado; ambos entram na casa*]

NINA [*sozinha*] Como é estranho ver que uma atriz famosa chora, e ainda por cima por um motivo tão fútil! E como também é estranho que um escritor célebre, adorado pelo público, sobre quem todos os jornais escrevem, cujo retrato é vendido em toda parte, um escritor que já foi traduzido em outras línguas, passe o dia todo pescando no lago e fique tão contente por ter apanhado duas carpas. Pensei que pessoas famosas fossem inacessíveis, que desprezassem a multidão e que, com a sua glória, com o esplendor de seus nomes, como que se vingassem da multidão, porque a multidão dá mais valor à origem nobre e à riqueza. Mas na verdade essas pessoas choram, pescam, jogam cartas, riem e se zangam como todo o mundo...

TREPLIOV [*entra sem chapéu, com uma espingarda e uma gaivota abatida*] Está aqui sozinha?

NINA Estou.

[*Trepliov põe a gaivota aos pés de Nina.*]

NINA O que significa isto?

TREPLIOV Hoje, cometi a infâmia de matar essa gaivota. Eu a deponho aos seus pés.

NINA Mas o que deu no senhor? [*Ergue a gaivota e olha para ela*]

TREPLIOV [*após uma pausa*] Em breve, desse mesmo modo, eu vou me matar.

NINA Não estou reconhecendo o senhor.

TREPLIOV Sim, depois que eu mesmo deixei de reconhecê-la. Você mudou com relação a mim. O seu olhar ficou frio, minha presença a constrange.

NINA Ultimamente, o senhor se irrita à toa, se expressa de um modo totalmente incompreensível, como se usasse símbolos. Veja aqui esta gaivota, também deve ser um símbolo, ao que parece, mas, me desculpe, eu não entendo... [*Põe a gaivota sobre o banco*] Sou simples demais para compreender o senhor.

TREPLIOV Tudo começou naquela noite em que minha peça redundou num fracasso tão estúpido. As mulheres não perdoam o fracasso. Queimei tudo, tudo, até o último pedaço de papel. Se soubesse como me sinto infeliz! Sua frieza é terrível, inacreditável, é como se eu acordasse e visse, de repente, que o lago havia secado ou que a água toda havia escoado para o fundo da terra. A senhorita acabou de dizer que é simples demais para me compreender. Ah, mas o que há aqui para compreender? Minha peça a decepcionou, você despreza a minha inspiração, já me considera medíocre, insignificante, igual a tantos outros... [*Bate o pé no chão*] Compreendo tudo isso muito bem, ah, como compreendo! Parece que há um prego cravado no meu cérebro, maldito seja ele e a minha vaidade, que suga o meu sangue, suga, como uma serpente... [*Vê Trigórin, que caminha na direção deles, lendo uma caderneta*] Lá vem o verdadeiro talento; entra em cena como Hamlet, e também traz nas mãos um livro. [*Com sarcasmo*] "Palavras, palavras, palavras..." Esse sol nem a alcançou ainda, mas a senhorita já sorri, seu olhar

já se derreteu aos raios dele. Não vou ficar aqui, para não atrapalhar. [*Sai depressa*]

TRIGÓRIN [*tomando notas na sua caderneta*] Cheira rapé e bebe vodca... Sempre de preto. O professor está apaixonado por ela...

NINA Bom dia, Boris Aleksiêievitch!

TRIGÓRIN Bom dia. As circunstâncias mudaram de forma inesperada, e agora, ao que parece, temos de ir embora hoje mesmo. É pouco provável que voltemos a ver a senhorita algum dia. É uma pena. Tenho poucas oportunidades de conhecer moças jovens e interessantes, até já esqueci como são e não consigo imaginar com clareza como elas se sentem aos dezoito ou dezenove anos; por isso, nos meus contos e nas minhas novelas, as mocinhas em geral parecem falsas. Eu adoraria poder ficar no lugar da senhorita, ainda que fosse só por uma hora, para saber como pensa e tudo o mais.

NINA E eu também adoraria poder ficar no lugar do senhor.

TRIGÓRIN Para quê?

NINA Para saber como se sente um escritor talentoso e célebre. Qual a sensação da fama? Como o senhor experimenta o fato de ser famoso?

TRIGÓRIN Como me sinto? Não sinto nada, eu acho. Nunca penso no assunto. [*Pensativo*] Das duas, uma: ou a senhorita exagera a minha fama, ou ela não me afeta de maneira alguma.

NINA E quando lê o que escrevem a seu respeito nos jornais?

TRIGÓRIN Quando elogiam, é agradável, mas quando insultam, dois dias depois ainda me sinto de mau humor.

NINA Que mundo maravilhoso! Como invejo o senhor, ah, se soubesse! Como o destino das pessoas é diferente. Uns mal

conseguem arrastar a sua existência tediosa e apagada, sempre igual às outras, sempre infeliz; mas, para alguns outros, como o senhor, por exemplo — um em um milhão —, o destino reserva uma vida interessante, radiosa, repleta de sentido... O senhor é feliz...

TRIGÓRIN Eu? [*Encolhendo os ombros*] Hum... A senhorita está aqui falando da fama, da felicidade, de uma vida radiosa e interessante, mas para mim todas essas belas palavras, me perdoe, são geléia de frutas, um doce que eu jamais como. A senhorita é muito jovem e muito generosa.

NINA A vida do senhor é deslumbrante!

TRIGÓRIN Mas o que ela tem de especialmente boa? [*Olha para o relógio de pulso*] Agora tenho de ir para casa e escrever. Desculpe, não tenho mais tempo... [*Ri*] A senhorita, como dizem, pisou no meu calo e já estou começando a ficar agitado e um pouco aborrecido. Pensando melhor, vamos conversar. Vamos conversar sobre a minha vida maravilhosa e radiante... Pois bem, por onde vamos começar? [*Depois de refletir um instante*] Às vezes, há idéias que nos dominam, como quando uma pessoa fica o tempo todo, dia e noite, pensando na lua, por exemplo, e acontece que eu também tenho a minha lua. Dia e noite, uma idéia obsessiva me persegue: tenho de escrever, tenho de escrever, tenho... Mal termino uma novela, nem sei por quê, preciso logo começar uma outra, e depois uma terceira, e depois dessa uma quarta... Escrevo sem interrupção, como quem viaja numa carruagem em que os cavalos são substituídos a cada parada, e não consigo viver de outro modo. Pois então, eu lhe pergunto, o que há nisso de maravilhoso e radiante?

Ah, que vida absurda! Agora estou aqui com a senhorita, estou emocionado, e enquanto isso, a todo instante, lembro que uma novela inacabada espera por mim. Vejo uma nuvem parecida com um piano. Penso: em algum trecho de um conto, terei de citar que pairava no céu uma nuvem parecida com um piano. O ar cheira a heliotrópio. Anoto depressa no pensamento um perfume adocicado, uma flor-de-viúva: usar na descrição de uma noite de verão. Agarro cada frase, as minhas e as da senhorita, cada palavra, e me apresso a trancar logo essas frases e essas palavras no meu depósito literário: um dia podem ser úteis! Assim que termino um trabalho, corro ao teatro ou vou pescar: quem sabe assim eu consiga descansar, me esquecer de mim mesmo, ah... Nada disso: dentro da minha cabeça, logo começa a girar uma pesada bola de ferro fundido, um novo tema para um conto, e logo me arrasto até a mesa e de novo tenho de escrever e escrever o mais depressa possível. E é sempre assim, sempre, nunca dou sossego a mim mesmo e tenho a sensação de que estou devorando a minha própria vida, tenho a sensação de que, para fabricar o mel que entrego, num vazio, a pessoas que nem mesmo sei quem são, eu retiro o pólen das minhas melhores flores, arranco da terra essas mesmas flores e pisoteio suas raízes. Será que não estou louco? Será que meus conhecidos e amigos se dirigem a mim como a uma pessoa sã? "O que o senhor anda escrevendo? Com que nos brindará a seguir?" Sempre a mesma coisa, sempre a mesma coisa, e fico com a impressão de que essa atenção de meus conhecidos, os elogios, a admiração, tudo isso é uma mentira, tenho a sensação de

que estão me enganando, como fazem com uma pessoa doente, e às vezes tenho medo de que eles se aproximem sorrateiramente pelas minhas costas, me agarrem e me arrastem para o hospício, como ocorreu a Popríchin, o personagem de Gógol. E antigamente, nos anos da juventude, nos bons tempos, quando comecei, escrever era para mim um martírio incessante. Um escritor menor, sobretudo quando não tem sorte, parece um desajeitado aos próprios olhos, um desastrado, um inútil, vive com os nervos tensos, esgotados; procura irresistivelmente estar perto de pessoas ligadas à literatura e à arte, sem ser reconhecido, sem ser sequer notado, sempre com medo de encarar os outros nos olhos, como um jogador inveterado que está sem um centavo no bolso para apostar. Eu não conhecia o meu leitor mas, por algum motivo, na minha imaginação, ele se mostrava hostil, desconfiado. Eu temia o público, para mim ele era uma coisa assustadora e, toda vez que eu tinha de apresentar uma peça nova, me parecia que as pessoas morenas tinham um ânimo hostil e que as pessoas loiras eram frias e indiferentes. Ah, como era horrível! Que tormento!

NINA Perdoe-me, mas acaso a inspiração e o mesmo processo de criação não lhe proporcionam momentos elevados e felizes?

TRIGÓRIN Sim. Quando escrevo, é bom. E ler as provas impressas é bom. Mas... tão logo o livro é publicado, vejo que não era nada daquilo, vejo os erros e entendo que o livro não deveria absolutamente ter sido escrito e aí fico aborrecido, me sinto péssimo... [*Ri*] Mas o público lê e diz: "Sim, é bonito, tem talento... É bonito, mas fica

longe de Tolstói". Ou então: "Uma obra magnífica, mas *Pais e filhos*, de Turguêniev, é melhor". E assim, até a sepultura, tudo será apenas bonito e talentoso, bonito e talentoso, nada mais do que isso e, quando eu morrer e já for bem conhecido, vão passar pelo meu túmulo e falar assim: "Aqui jaz Trigórin. Foi um bom escritor, mas não escrevia tão bem quanto Turguêniev".

NINA Não me leve a mal, mas não posso entender o senhor. O sucesso deixou-o simplesmente mal-acostumado.

TRIGÓRIN Que sucesso? Eu nunca agradei a mim mesmo. Não gosto de mim como escritor. O pior de tudo é que me sinto numa espécie de embriaguez e muitas vezes nem entendo o que escrevo... Veja, eu adoro essa água, essas árvores, esse céu, sinto a natureza, ela desperta em mim um entusiasmo, um desejo irresistível de escrever. Mas não sou apenas um paisagista, sou também um cidadão, amo o país, o povo, sinto que, se sou um escritor, estou obrigado a falar do povo, dos seus sofrimentos, do seu futuro, a falar da ciência, dos direitos do homem etc etc, e então falo sobre tudo, me afobo, me pressionam de todos os lados, se irritam comigo, eu corro de um lado para o outro, como uma raposa acossada por cães de caça, vejo que a vida e a ciência avançam cada vez mais, enquanto eu vou ficando sempre para trás, como um mujique que chegou atrasado para pegar o trem, e no fim tenho a sensação de que só sei mesmo descrever paisagens e em tudo o mais sou falso, sou falso até a medula dos ossos.

NINA O senhor trabalhou em excesso e não teve tempo nem vontade de reconhecer a própria importância. Talvez esteja

descontente consigo mesmo, mas para os outros o senhor é brilhante e extraordinário! Se eu fosse um escritor como o senhor, entregaria a minha vida inteira para a multidão, mas com a consciência de que, para eles, a felicidade estaria apenas em elevar-se à minha altura, e aí a multidão me puxaria em uma carruagem.

TRIGÓRIN Numa carruagem... Por acaso sou o rei Agamênon?

[*Os dois sorriem.*]

NINA Em troca da felicidade de ser uma escritora ou uma atriz, eu suportaria o desprezo dos meus conhecidos, a penúria, as desilusões, eu moraria num sótão, só comeria pão de centeio, suportaria a insatisfação comigo mesma, sofreria com a consciência das minhas imperfeições, mas em compensação eu exigiria para mim a glória... a glória autêntica, estrondosa... [*Esconde o rosto nas mãos*] Minha cabeça está rodando... Ah!

[*Da casa, soa a voz de Arkádina: "Boris Aleksiêievitch!".*]

TRIGÓRIN Estão me chamando... Tenho de fazer as malas. Mas não sinto a menor vontade de partir. [*Volta os olhos para o lago*] Que lugar maravilhoso! É lindo!

NINA Está vendo uma casa e um jardim do outro lado do lago?

TRIGÓRIN Estou.

NINA É a propriedade de minha falecida mãe. Nasci lá. Passei a vida toda nas margens deste lago e conheço muito bem cada ilhota.

TRIGÓRIN A senhorita vive num lugar lindo! [*Vendo a gaivota*] E isso, o que é?

NINA Uma gaivota. Konstantin Gavrílitch a matou.

TRIGÓRIN É um pássaro bonito. Na verdade, não sinto a menor vontade de partir. Quem sabe, se a senhorita pedisse, Irina Nikoláievna ficaria aqui mais uns dias? [*Escreve no caderninho*]

NINA O que está escrevendo?

TRIGÓRIN Estou fazendo anotações... É que me veio uma idéia... [*Guarda o caderninho*] Uma idéia para um conto curto: uma jovem vive na beira de um lago, desde a infância, como a senhorita; ama o lago, como uma gaivota, e é feliz e livre, como uma gaivota. Mas de repente aparece um homem, ele a avista e, por pura falta do que fazer, ele a destrói, assim como aconteceu a essa gaivota.

[*Pausa. Na janela, surge Arkádina.*]

ARKÁDINA Boris Aleksiêievitch, onde está o senhor?

TRIGÓRIN Aqui! [*Caminha e olha para trás, para Nina; ao chegar à janela, fala para Arkádina*] O que foi?

ARKÁDINA Nós vamos ficar.

[*Trigórin entra na casa.*]

NINA [*aproxima-se do tablado, reflete um pouco*] Isto é um sonho!

[*Cortina.*]

A gaivota encenada pelo Teatro de Arte de Moscou. Terceiro ato ("Agora ele é meu"): Trigórin (K. S. Stanislávski), Arkádina (O. L. Knipper):

Terceiro ato ("Aqui está, um rublo para os três").

TERCEIRO ATO

Sala de jantar, na casa de Sórin. Portas à direita e à esquerda. Um bufê. Um armário de remédios. Uma mesa no meio da sala. Uma mala e caixas de papelão, evidentes preparativos para uma viagem. Trigórin toma o café da manhã, Macha está de pé ao lado da mesa.

MACHA Conto tudo isso porque o senhor é um escritor. Pode usar. Digo com toda sinceridade: se ele tivesse ficado gravemente ferido, eu não agüentaria viver nem mais um minuto. Mas sou corajosa. Tomei uma decisão: vou arrancar este amor do meu coração, e vou arrancar pela raiz.

TRIGÓRIN De que modo?

MACHA Vou me casar. Com Miedviediênko.

TRIGÓRIN O professor?

MACHA Sim.

TRIGÓRIN Não entendo qual a necessidade disso.

MACHA Amar sem ter esperança, ficar anos inteiros à espera de que uma coisa aconteça... Depois que eu casar, não vou mais nem pensar em amor, preocupações novas vão abafar tudo o que é antigo. Vai ser mesmo uma transformação, sabe? Vamos tomar mais uma?

TRIGÓRIN Não será demais?

MACHA Ora, vamos lá! [*Enche os cálices*] Não olhe para mim desse jeito. As mulheres bebem mais vezes do que os homens imaginam. Só uma minoria bebe na frente dos outros, como eu; a maioria bebe às escondidas. E é sempre vodca ou conhaque. [*Brindam, tocando os cálices*] Saúde! O senhor é um homem simples, é uma pena que vá embora.

[*Bebem.*]

TRIGÓRIN Eu mesmo não tenho vontade de partir.

MACHA Por que não pede para ela ficar?

TRIGÓRIN Não, agora ela não vai mais ficar. O filho tem se comportado de modo muito inconveniente. Primeiro, tentou se matar, e agora, pelo que dizem, vai me desafiar para um duelo. E qual o motivo? Ele se enfurece, bufa e apregoa formas novas... Mas há lugar para todos, os novos e os velhos — para que brigar?

MACHA Também há o ciúme. Mas isso já não é da minha conta.

[*Pausa. Iákov atravessa o palco da esquerda para a direita com uma mala; entra Nina e se detém ao lado da janela.*]

MACHA O meu professor não é lá muito inteligente, mas é um homem bom e pobre, e me ama com ardor. Sinto pena dele. Tenho pena da sua mãe idosa. Mas, então, permita que eu lhe deseje tudo de bom. Não me queira mal. [*Aperta com força a mão de Trigórin*] Sou muito grata ao senhor por sua generosidade. Mande-me seus livros — e têm de ser autografados. Mas não escreva "prezada senhora", mas apenas "para Maria, que não sabe de onde veio nem para que vive neste mundo". Adeus! [*Sai*]

NINA [*estende a mão fechada na direção de Trigórin*] Par ou ímpar?

TRIGÓRIN Par.

NINA [*suspira*] Errou. Só tenho um grão de ervilha na mão. Resolvi tirar a sorte para saber se devo ou não ser atriz. Quem dera alguém me orientasse.

TRIGÓRIN Nesse tipo de coisa, é impossível dar conselhos.

[*Pausa.*]

NINA Vamos nos separar e... talvez não nos vejamos mais. Peço ao senhor que aceite, como uma lembrança minha, este pequeno medalhão. Mandei gravar suas iniciais... e do outro lado, o título de um livro seu: *Dias e noites.*

TRIGÓRIN Mas que beleza! [*Beija o medalhão*] Que presente encantador!

NINA Lembre-se de mim, de vez em quando.

TRIGÓRIN Lembrarei. Vou me lembrar da senhorita tal como estava naquele dia de sol, lembra? Uma semana atrás, quando a senhorita estava com um vestido claro... Nós conversamos... Havia uma gaivota branca estirada sobre o banco.

NINA [*pensativa*] Sim, a gaivota...

[*Pausa.*]

NINA Agora não podemos mais conversar, vem gente aí... Antes de ir embora, me dê dois minutos, eu lhe imploro... [*Sai pela esquerda; ao mesmo tempo, entram pela direita Arkádina, Sórin, de fraque com uma medalha em forma de estrela no peito, e em seguida Iákov, atarefado com as bagagens*]

ARKÁDINA Vamos, fique em casa, meu velho. Com esse seu reumatismo, acha conveniente sair para fazer visitas? [*Para Trigórin*] Quem acabou de sair daqui? Nina?

TRIGÓRIN Sim.

ARKÁDINA *Pardon*, nós o atrapalhamos... [*Senta-se*] Acho que as malas já estão prontas. Fiquei cansada.

TRIGÓRIN [*lê o medalhão*] *Dias e noites*, página 121, linhas 11 e 12.

IÁKOV [*tirando a mesa*] O senhor quer que eu embale também as varas de pescar?

TRIGÓRIN Quero, sim, ainda vou precisar delas. Quanto aos livros, dê para alguém.

IÁKOV Perfeitamente.

TRIGÓRIN [*falando consigo mesmo*] Página 121, linhas 11 e 12. O que haverá nessas linhas? [*Para Arkádina*] Há exemplares de meus livros aqui, nesta casa?

ARKÁDINA No escritório do meu irmão, na estante do canto.

TRIGÓRIN Página 121... [*Sai*]

ARKÁDINA Sinceramente, Pietruchka, era melhor você ficar em casa.

SÓRIN Vocês vão embora e vai ser triste para mim ficar sem vocês nesta casa.

ARKÁDINA E o que há de bom na cidade?

SÓRIN Nada de especial, mas não importa. [*Ri*] Vão lançar a pedra fundamental da casa do conselho rural e outras coisas assim... Quem dera, pelo menos uma vez ou outra, poder me livrar desta vida de peixinho de aquário, já estou farto de me sentir imprestável, como se eu fosse uma piteira velha. Mandei que os cavalos estivessem prontos quando desse uma hora, assim vamos todos partir ao mesmo tempo.

ARKÁDINA [*após uma pausa*] Escute, vá levando sua vida, não se aborreça, não se resfrie. Cuide bem do meu filho. Proteja-o. Dê conselhos.

[*Pausa.*]

ARKÁDINA Vou partir daqui a pouco sem saber por que Konstantin tentou se matar com um tiro. Acho que o motivo principal foi o ciúme e, quanto mais depressa eu levar Trigórin embora daqui, melhor.

SÓRIN Como posso explicar a você? Houve também outros motivos. É uma coisa compreensível: um jovem inteligente, que mora no campo, metido neste fim de mundo, sem dinheiro, sem emprego, sem futuro. Ignorado por todos. Tem vergonha e medo da sua ociosidade. Eu gosto imensamente de Konstantin, e ele, por sua vez, é muito apegado a mim, mas, apesar de tudo, ele tem a sensação de ser desnecessário nesta casa, de que não passa de um vadio, um parasita. É uma coisa compreensível, uma questão de amor-próprio...

ARKÁDINA Ele me dá muito desgosto! [*Pensativa*] E se arranjássemos um emprego para ele, quem sabe...

SÓRIN [*assovia, depois hesita*] Acho que seria melhor se você... lhe desse algum dinheiro. Ele precisa, antes de tudo, vestir-se de modo apropriado. Usa o mesmo casaquinho velho há três anos, porque não tem um paletó... [*Ri*] E passear um pouco também não ia fazer mal nenhum... Viajar para o exterior, quem sabe... Não custa tão caro.

ARKÁDINA Mesmo assim... Talvez eu ainda possa pagar uma roupa nova, mas uma viagem para o exterior... Não, e para dizer a verdade, não tenho condições nem de pagar uma roupa nova. [*Categoricamente*] Não tenho dinheiro!

[*Sórin ri.*]

ARKÁDINA Não tenho!

SÓRIN [*assobia*] Está certo. Por favor, querida, não se irrite comigo. Acredito em você... É uma mulher generosa e de bom coração.

ARKÁDINA [*entre lágrimas*] Não tenho dinheiro!

SÓRIN Se eu tivesse dinheiro, é claro que eu mesmo daria algum para ele, mas não tenho nada, nem um centavo. [*Ri*] O administrador fica com todo o dinheiro da minha aposentadoria e gasta na lavoura, no gado, nas abelhas, o meu dinheiro vai-se todo embora, em vão. As abelhas morrem, as vacas morrem, nunca me trazem cavalos quando peço...

ARKÁDINA Está bem, eu tenho dinheiro, mas sou uma atriz; só as roupas já consomem o dinheiro todo.

SÓRIN Você é boa, minha querida... Gosto de você... Mas... Há alguma coisa errada comigo de novo... [*Cambaleia*] Minha cabeça está rodando. [*Segura-se na mesa*] Estou me sentindo mal.

ARKÁDINA [*assustada*] Petruchka! [*Tenta ampará-lo*] Petruchka, meu querido... [*Grita*] Venham me ajudar! Ajudem!

[*Entram Trepliov, com uma atadura na cabeça, e Miedviediênko.*]

ARKÁDINA Ele está passando mal!

SÓRIN Não é nada, não é nada... [*Sorri e bebe água*] Já passou... pronto...

TREPLIOV [*para a mãe*] Não se assuste, mamãe, não é grave. Isso tem acontecido muitas vezes com o titio. [*Para o tio*] É melhor ir deitar, titio.

SÓRIN Sim, vou me deitar um pouco... Mesmo assim, não deixarei de ir à cidade... Vou me deitar um pouco, mas depois irei até lá... Podem ter certeza... [*Caminha apoiando-se na bengala*]

MIEDVIEDIÊNKO [*leva-o pelo braço*] O senhor conhece esta charada: o que é que de manhã anda com quatro pernas, ao meio-dia, com duas, e à tardinha, com três?

SÓRIN [*Ri*] É exatamente assim. E à noite fica deitado de costas. Muito obrigado, posso andar sozinho...

MIEDVIEDIÊNKO Ora, deixe de cerimônias! [*Ele e Sórin se retiram*]

ARKÁDINA Que susto ele me deu!

TREPLIOV Não é bom para a saúde do titio morar aqui no campo. Fica triste. Se você, mamãe, por um momento se mostrasse generosa e emprestasse ao titio uns mil e quinhentos ou uns dois mil rublos, ele poderia morar na cidade um ano inteiro.

ARKÁDINA Não tenho dinheiro. Sou uma atriz, e não uma banqueira.

[*Pausa.*]

TREPLIOV Mãe, troque a minha atadura. Você faz isso tão bem.

ARKÁDINA [*apanha, num armário de remédios, iodo e uma caixa com material para curativos*] O médico já devia ter chegado.

TREPLIOV Prometeu vir às dez horas e já é meio-dia.

ARKÁDINA Sente-se. [*Retira a atadura da cabeça do filho*] Até parece que você está de turbante. Ontem, na cozinha, uma pessoa que não é de casa viu você assim e perguntou aos

outros de que país você tinha vindo. Olhe só, já está quase curado. Só restou uma coisinha à toa. [*Beija-o na cabeça*] Quando eu for embora, você não vai fazer *clique-clique* outra vez, não é?

TREPLIOV Não, mamãe. Foi um minuto de desespero e loucura, não consegui me dominar. Isso não se repetirá mais. [*Beija a mão dela*] Você tem mãos de ouro. Lembro que, muito tempo atrás, quando você ainda representava em teatros estatais e eu era muito pequeno, houve uma briga no prédio onde morávamos e uma inquilina lavadeira levou uma tremenda surra. Lembra? Eles a deixaram inconsciente... Você ia sempre visitá-la, levava remédios, dava banho nos filhos dela, numa tina. Será que você não lembra mais?

ARKÁDINA Não. [*Põe uma atadura nova*]

TREPLIOV Na época, duas bailarinas moravam naquele mesmo prédio em que nós... Elas costumavam vir tomar café com você.

ARKÁDINA Disso eu me lembro.

TREPLIOV Eram muito religiosas. [*Pausa*] Ultimamente, de uns dias para cá, eu tenho amado você com ternura e devoção, como na infância. Agora, não tenho mais ninguém, só você. Mas por que, por que você se submete à influência daquele homem?

ARKÁDINA Você não o compreende, Konstantin. Ele é uma personalidade de grande nobreza...

TREPLIOV No entanto, quando ele soube que eu pretendia desafiá-lo para um duelo, a nobreza não o impediu de fazer papel de covarde. Está indo embora. É uma fuga vergonhosa!

ARKÁDINA Mas que absurdo! Fui eu mesma que pedi a ele que fosse embora.

TREPLIOV Uma personalidade de grande nobreza! Aqui estamos nós dois, quase brigando por causa desse sujeito, enquanto ele, neste exato momento, anda metido em algum canto por aí, na sala de visitas ou no jardim, e ri de nós... Exibe sua cultura para Nina, tenta convencê-la de que é um gênio.

ARKÁDINA Você tem mesmo prazer em me dizer coisas desagradáveis. Eu respeito esse homem e peço que não diga coisas ruins sobre ele na minha presença.

TREPLIOV Pois eu não o respeito. Você quer que eu também o considere um gênio, mas, me desculpe, não sei mentir, as obras dele me dão enjôo.

ARKÁDINA Isto é inveja. Para as pessoas sem talento, mas pretensiosas, não resta outra coisa senão criticar os verdadeiros talentos. Que triste consolo!

TREPLIOV [*irônico*] Os verdadeiros talentos! [*Raivoso*] Pois, se quer mesmo saber, eu tenho mais talento do que todos vocês! [*Arranca a atadura da cabeça*] Vocês são apenas banais, tomaram a arte em seu poder e só julgam legítimo e autêntico aquilo que vocês mesmos fazem, e quanto ao resto, tratam de perseguir e sufocar! Não reconheço o valor de vocês! Não reconheço nem a ele nem a você!

ARKÁDINA Seu decadente!

TREPLIOV Volte para o seu adorado teatro e represente as suas pecinhas medíocres e lamentáveis!

ARKÁDINA Nunca, em toda minha vida, representei em peças desse tipo. Deixe-me em paz! Você não é capaz

nem de escrever um reles *vaudeville*. Seu burguesinho de Kíev! Parasita!

TREPLIOV Sovina!

ARKÁDINA Seu esmolambado!

[*Trepliov senta-se e chora em silêncio.*]

ARKÁDINA Você é uma nulidade! [*Caminha agitada*] Não chore! Não há por que chorar... [*Chora*] Não deve chorar... [*Beija-o na testa, na face, na cabeça*] Minha criança querida, me desculpe... Perdoe a sua mãe pecadora. Perdoe esta infeliz.

TREPLIOV [*abraça-a*] Se você soubesse! Eu perdi tudo. Ela não me ama, eu já nem consigo mais escrever... Todas as esperanças acabaram...

ARKÁDINA Não se desespere... Tudo se resolverá. Trigórin vai embora, daqui a pouco, e ela vai amar você de novo. [*Enxuga as lágrimas do filho*] Chega. Já fizemos as pazes.

TREPLIOV [*beija a mão dela*] Sim, mãe.

ARKÁDINA [*com carinho*] Faça as pazes com ele também. Não há motivo para um duelo... Não é verdade?

TREPLIOV Está bem... Só peço uma coisa, mãe: que eu não tenha de falar com ele. Seria demais para mim... Está além das minhas forças...

[*Entra Trigórin.*]

TREPLIOV Pronto... Já vou indo... [*Às pressas, guarda os remédios no armário*] Daqui a pouco o médico vai fazer um novo curativo...

TRIGÓRIN [*procura nas folhas de um livro*] Página 121... linhas 11 e 12... Aqui está... [*Lê*] "Se algum dia você precisar da minha vida, venha e tome-a."

[*Trepliov pega do chão a atadura e sai.*]

ARKÁDINA [*depois de olhar para o relógio*] Logo trarão os cavalos.

TRIGÓRIN [*para si mesmo*] "Se algum dia você precisar da minha vida, venha e tome-a."

ARKÁDINA Suas malas já estão prontas?

TRIGÓRIN [*com impaciência*] Sim, sim... [*Pensativo*] Por que este apelo de uma alma pura me dá uma sensação de tristeza e deixa meu coração tão angustiado? "Se algum dia você precisar da minha vida, venha e tome-a." [*Para Arkádina*] Podemos ficar mais um dia?

[*Arkádina balança a cabeça para negar o pedido.*]

TRIGÓRIN Vamos ficar!

ARKÁDINA Meu querido, eu sei o que prende você aqui. Mas tente se controlar. Você está um pouco embriagado, só isso; fique sóbrio de novo.

TRIGÓRIN Seja sensata, você também, seja razoável, ponderada, eu lhe imploro, encare tudo isto como faria uma verdadeira amiga... [*Aperta a mão dela*] Você é capaz de fazer um sacrifício... Seja minha amiga, me dê a liberdade...

ARKÁDINA [*com forte emoção*] Está tão apaixonado assim?

TRIGÓRIN Sinto-me atraído para ela! Quem sabe não é disso exatamente que eu preciso?

ARKÁDINA O amor de uma mocinha do campo? Ah, como você se conhece pouco!

TRIGÓRIN Às vezes sonhamos acordados e eu mesmo, enquanto converso com você, adormeço e vejo Nina num sonho... sonhos doces, maravilhosos tomam conta de mim... Liberte-me...

ARKÁDINA [*trêmula*] Não, não... Sou uma mulher comum, é impossível esperar de mim uma coisa dessas... Não me torture, Boris... Tenho medo...

TRIGÓRIN Se você quiser, pode se tornar uma mulher extraordinária. Um amor jovem, fascinante, poético, que nos leva para um mundo de sonhos — nesta vida, só isso e nada mais pode nos trazer a felicidade! Até hoje, não experimentei um amor assim... Na juventude, eu tive de ficar batendo à porta de todas as redações de jornal, tive de lutar contra a miséria... Agora, aí está ele, esse amor chegou, afinal, e me seduz... Qual o sentido de fugir?

ARKÁDINA [*com raiva*] Você perdeu a cabeça!

TRIGÓRIN E o que importa?

ARKÁDINA Hoje, parece que todos vocês se combinaram para me fazer sofrer! [*Chora*]

TRIGÓRIN [*segurando a própria cabeça*] Você não entende! Não quer entender.

ARKÁDINA Será que já estou tão velha e tão feia que você nem mais se acanha de falar comigo sobre outras mulheres? [*Abraça-o e beija-o*] Ah, você enlouqueceu! Meu lindo, meu maravilhoso... Você é a última página da minha vida! [*Põe-se de joelhos*] Minha alegria, meu orgulho, minha felicidade suprema... [*Abraça-o pelos joelhos*]

Se você me abandonar, ainda que só por uma hora, não vou sobreviver, ficarei louca, meu bravo, meu glorioso, meu soberano...

TRIGÓRIN Alguém pode vir. [*Ajuda-a a se levantar*]

ARKÁDINA Não importa, eu não me envergonho do meu amor por você. [*Beija suas mãos*] Meu tesouro, meu desmiolado, você quer fazer loucuras, mas eu não quero, não vou deixar... [*Ri*] Você é meu... é meu... Esta testa é minha, estes olhos são meus, estes lindos cabelos sedosos também são meus... Você é todo meu. Você é tão talentoso e inteligente, é o melhor de todos os escritores contemporâneos, é a única esperança da Rússia... No que você escreve, há tanta sinceridade, simplicidade, tanto frescor, e um humor tão sadio... Com um único traço, você é capaz de revelar o que há de mais importante e característico num personagem ou numa paisagem, e como são vivas as pessoas que você cria. Ah, é impossível ler você e não se entusiasmar! Acha que isto é bajulação? Que quero lisonjear você? Então olhe-me bem nos olhos... olhe... Pareço uma mentirosa? Abra os olhos, só eu sei apreciar o seu valor; só eu lhe digo a verdade, meu querido, meu admirável. Vai vir comigo? Vai? Não vai me abandonar?

TRIGÓRIN Não tenho vontade própria... Nunca tive vontade própria... Mole, frouxo, sempre submisso — como será possível que isto agrade a uma mulher? Leve-me embora, tire-me daqui, mas não deixe que eu me afaste de você nem um passo...

ARKÁDINA [*consigo mesma*] Agora ele é meu. [*Com naturalidade, como se nada tivesse ocorrido*] Olhe, se você quiser, pode

ficar. Irei sozinha e você seguirá depois, daqui a uma semana. Na verdade, por que tanta pressa?

TRIGÓRIN Não, iremos juntos.

ARKÁDINA Como preferir, iremos juntos, então...

[*Pausa. Trigórin escreve no seu caderno.*]

ARKÁDINA O que foi?

TRIGÓRIN Ouvi, de manhã, uma expressão bonita: "o bosque das donzelas"... Vai me servir para alguma coisa. [*Espreguiça*] Quer dizer que vamos partir? Novamente os vagões de trem, as estações, as cantinas, os bifes empanados, as conversas...

CHAMRAIEV [*entra*] Tenho a triste honra de anunciar que os cavalos estão prontos. Já é hora de ir para a estação, minha prezadíssima senhora; o trem chega às duas horas e cinco minutos. Mas então, Irina Nikoláievna, por favor, não se esqueça de tomar informações sobre aquele assunto: por onde anda o ator Susdaltsev? Está vivo? Está bem de saúde? Naquele tempo, nós bebíamos juntos... Na peça *O correio roubado*, ele representou de forma inigualável... Lembro que, em Ielizavetgrad, contracenava com ele o ator trágico Izmailov, outra personalidade admirável... Não se apresse, minha prezadíssima senhora, ainda temos mais cinco minutos. Certa vez, num melodrama, eles representavam o papel de conspiradores e, na hora em que, de súbito, eram apanhados em flagrante, era preciso exclamar: "Caímos numa cilada!". E o Izmailov disse: "Caímos numa salada!". [*Gargalha*] Numa salada!

[*Enquanto Chamraiev fala, Iákov se ocupa das malas, a criada traz para Arkádina o chapéu, o mantô, o guarda-chuva e as luvas; todos ajudam Arkádina a se agasalhar. O cozinheiro espia da porta da esquerda e, depois de esperar um pouco, avança hesitante. Entram Polina Andréievna e, depois, Sórin e Miedviediênko.*]

POLINA [*com um cestinho*] Ameixas para a senhora comer na viagem... Estão muito doces. Talvez sinta vontade de beliscar alguma coisa...

ARKÁDINA A senhora é muito boa, Polina Andréievna.

POLINA Adeus, minha cara! Desculpe se alguma coisa não correu como devia. [*Chora*]

ARKÁDINA [*abraça-a*] Tudo correu muito bem, tudo esteve ótimo. Ora, não é preciso chorar.

POLINA Nosso tempo já está passando!

ARKÁDINA O que se pode fazer?

SÓRIN [*de casaco, capa, chapéu e bengala, entra pela porta da esquerda, atravessa o aposento*] Irmã, está na hora, senão vai acabar se atrasando. Vou tomar o meu lugar.

MIEDVIEDIÊNKO Eu irei a pé até a estação... para acompanhar a sua partida. Eu sou ligeiro... [*Sai*]

ARKÁDINA Adeus, meus queridos... Se estivermos vivos e com saúde, nos veremos de novo no próximo verão...

[*A criada de quarto, Iákov e o cozinheiro beijam a mão dela.*]

ARKÁDINA Não se esqueçam de mim. [*Dá um rublo ao cozinheiro*] Aqui está, um rublo para os três.

COZINHEIRO Agradecemos muitíssimo, senhora patroa. Que faça uma ótima viagem! É uma enorme satisfação servir a senhora!

IÁKOV Que Deus a acompanhe!

CHAMRAIEV Uma cartinha nos deixaria muito felizes! Adeus, Boris Aleksiêievitch.

ARKÁDINA Onde está Konstantin? Avisem a ele que estou de partida. Temos de nos despedir. Então, não me queiram mal. [*Para Iákov*] Dei um rublo para o cozinheiro. Mas é para os três.

[*Todos saem pela direita. O palco fica vazio. Ouve-se, vindo de trás do palco, o rumor das despedidas. A criada volta para pegar a cesta de ameixas sobre a mesa e sai de novo.*]

TRIGÓRIN [*retornando*] Esqueci minha bengala. Acho que ficou na varanda. [*Caminha para lá e, na porta da esquerda, encontra-se com Nina, que entra*] É a senhorita? Estamos de partida...

NINA Tive o pressentimento de que ainda nos veríamos uma vez. [*Agitada*] Boris Aleksiêievitch, tomei uma decisão irrevogável, minha sorte está lançada, vou seguir a carreira de atriz. Amanhã, já não estarei mais aqui, vou deixar meu pai, vou abandonar tudo e começar uma vida nova... Vou partir para Moscou, assim como o senhor. Nós nos veremos por lá.

TRIGÓRIN [*olhando para trás*] Hospede-se no hotel Bazar Eslavo... Avise-me assim que chegar... Rua Moltchánovka, edifício Grokhólski... Não tenho mais tempo...

[*Pausa.*]

NINA Só mais um minuto...

TRIGÓRIN [*em voz baixa*] A senhorita é tão linda... Ah, que felicidade saber que, em breve, nos veremos!

[*Ela se encosta ao peito de Trigórin.*]

TRIGÓRIN Verei de novo estes olhos deslumbrantes, este sorriso indescritivelmente belo, meigo... Estas feições dóceis, este rosto de uma pureza angelical... Minha querida...

[*Um beijo prolongado.*]

[*Cortina.*]

A gaivota encenada pelo Teatro de Arte de Moscou.
Quarto ato: o jogo de cartas.

QUARTO ATO

Entre o terceiro e o quarto ato, há um intervalo de dois anos.

Uma das salas na casa de Sórin, que Konstantin Trepliov transformou em escritório. Portas à direita e à esquerda, dando para os aposentos internos. Defronte, uma porta de vidro que dá para a varanda. Além dos móveis habituais numa sala, há uma escrivaninha no canto direito, um divã turco perto da porta da esquerda e uma estante de livros; livros nas janelas, nas cadeiras. Noite. Um lampião está aceso atrás de um quebra-luz. Ouve-se o rumor das árvores e o uivo do vento nas chaminés. Soam as batidas do vigia noturno. Miedviediênko e Macha entram.

MACHA [*grita, chamando*] Konstantin Gavrílitch! Konstantin Gavrílitch! [*Olha em volta*] Não há ninguém. Toda hora, o velho pergunta onde está Kóstia, onde está Kóstia? Não consegue viver sem o sobrinho...

MIEDVIEDIÊNKO Tem medo da solidão. [*Escuta*] Mas que tempo horrível! Já faz dois dias que está assim.

MACHA [*aumenta a chama do lampião*] Há ondas no lago. Ondas enormes.

MIEDVIEDIÊNKO O jardim está com um aspecto tenebroso. Deviam mandar desmontar aquele palco no meio do jardim. Continua lá, nu, macabro, como um esqueleto, e a cortina balança ao vento. Quando passei por lá, ontem à noite, tive a impressão de que alguém estava chorando.

MACHA Ora, deixe de bobagem...

[*Pausa.*]

MIEDVIEDIÊNKO Vamos para casa, Macha!

MACHA [*balança a cabeça, negando*] Vou passar a noite aqui.

MIEDVIEDIÊNKO [*suplicante*] Macha, vamos embora! Nosso bebê deve estar com fome.

MACHA Bobagem. Matriona vai amamentá-lo.

[*Pausa.*]

MIEDVIEDIÊNKO Dá até pena. Já é a terceira noite que ele fica longe da mãe.

MACHA Você é um estorvo. No início, só queria saber de filosofar e agora só fala do bebê e de ir para casa, do bebê e de ir para casa... não se ouve outra coisa da sua boca.

MIEDVIEDIÊNKO Vamos para casa, Macha!

MACHA Vá você sozinho.

MIEDVIEDIÊNKO O seu pai não vai me emprestar os cavalos.

MACHA Vai, sim. É só você pedir que ele empresta.

MIEDVIEDIÊNKO Por favor, eu imploro. Então, amanhã você virá para casa?

MACHA [*aspira rapé*] Está bem, amanhã. Mas que coisa enjoada...

[*Entram Trepliov e Polina Andréievna; Trepliov traz almofadas e um cobertor, Polina traz roupas de cama; põem tudo sobre o sofá turco; em seguida, Trepliov vai para a sua mesa e senta-se.*]

MACHA Para que isso, mamãe?

POLINA Piotr Nikoláievitch pediu para fazer a cama dele nos aposentos de Kóstia.

MACHA Deixe-me ajudar... [*Faz a cama*]

POLINA [*suspira*] O velho está igual a uma criança... [*Aproxima-se da escrivaninha e, apoiando-se no cotovelo, olha para um manuscrito; pausa*]

MIEDVIEDIÊNKO Então vou embora. Até logo, Macha. [*Beija sua mão*] Adeus, mamãe. [*Tenta beijar a mão da sogra*]

POLINA [*aborrecida*] Ora! Vá com Deus.

MIEDVIEDIÊNKO Adeus, Konstantin Gavrílitch.

[*Trepliov estende a mão em silêncio; Miedviediênko sai.*]

POLINA [*olhando para o manuscrito*] Ninguém pensava, ninguém podia sequer imaginar que você ainda viria a ser um escritor de verdade. E agora, graças a Deus, até as revistas começaram a lhe mandar dinheiro. [*Passa a mão pelo cabelo dele*] Além do mais, ficou bonito... Querido Kóstia, seja bondoso, seja mais carinhoso com a minha Máchenka!

MACHA [*fazendo a cama*] Deixe-o em paz, mãe.

POLINA [*para Trepliov*] É uma boa moça.

[*Pausa.*]

POLINA Uma mulher não precisa de quase nada, Kóstia, basta ser olhada com carinho. Sei disso por experiência própria.

[*Trepliov se levanta da mesa e sai em silêncio.*]

MACHA Pronto, a senhora o irritou. Será que não consegue deixá-lo em paz?

POLINA Sinto pena por você, Máchenka.

MACHA Não precisa ter pena!

POLINA Meu coração sofre por você. Pois eu vejo tudo, entendo tudo.

MACHA É tudo bobagem. Amor sem esperança... essas coisas só existem nos romances. Tolices. Não se pode amolecer, não se pode ficar a vida toda na beira da praia, esperando que o tempo melhore... Quando o amor se instala no coração, é preciso expulsá-lo. Já prometeram transferir meu marido para

outro distrito. Depois que eu e ele nos mudarmos para lá, tudo isso será esquecido... vou arrancar do coração, pela raiz.

[*A dois cômodos dali, tocam uma valsa melancólica.*]

POLINA Kóstia está tocando. Quer dizer que está triste.

MACHA [*sem ruído, dá alguns passos de valsa*] O principal, mamãe, é que meus olhos não o vejam. Assim que derem essa transferência ao meu Siemion, acredite, esquecerei Kóstia em um mês. Tudo isso é uma bobagem.

[*Abre-se a porta da esquerda. Dorn e Miedviediênko empurram a cadeira de rodas de Sórin.*]

MIEDVIEDIÊNKO Agora somos seis em casa. E a farinha custa setenta copeques o *pud*.

DORN Lá vem ele com a mesma história.

MIEDVIEDIÊNKO Para o senhor é fácil zombar. Tem dinheiro de sobra.

DORN Dinheiro? Depois de trabalhar trinta anos como médico, meu amigo, e trabalhar sem descanso, sem poder dispor só para mim nem do dia nem da noite, consegui economizar apenas dois mil rublos, que gastei faz pouco tempo, numa viagem ao exterior. Não possuo nada.

MACHA [*para o marido*] Mas você não ia embora?

MIEDVIEDIÊNKO [*com ar culpado*] De que jeito, se não me emprestam os cavalos?

MACHA [*irritada e amarga, à meia voz*] Eu gostaria de nunca mais ver você na minha frente!

[*A cadeira de rodas se detém na parte esquerda do cômodo; Polina Andréievna, Macha e Dorn sentam-se junto a ela; Miedviediênko, entristecido, se põe à parte.*]

DORN Mas quantas novidades, por aqui! Transformaram a sala de visitas em um escritório de trabalho.

MACHA Aqui é mais cômodo para Konstantin Gavrílitch trabalhar. Ele pode sair para o jardim, quando tem vontade, e ficar lá, pensando.

[*Ouvem-se as batidas do vigia noturno.*]

SÓRIN Onde está minha irmã?

DORN Foi à estação, encontrar-se com Trigórin. Daqui a pouco, estará de volta.

SÓRIN Se o senhor achou necessário escrever para a minha irmã e pedir que viesse para cá, isso só pode significar que meu estado de saúde é mesmo grave. [*Após um momento de silêncio*] Essa é boa! Estou gravemente enfermo e ninguém me dá nenhum remédio.

DORN Mas que remédio o senhor quer? Gotas de valeriana? Bicarbonato de sódio? Quinino?

SÓRIN Pronto, lá vem sermão. Ah, que suplício! [*Acena com a cabeça na direção do sofá*] Fizeram essa cama para mim?

POLINA Sim, para o senhor, Piotr Nikoláievitch.

SÓRIN Muito obrigado.

DORN [*cantarola*] "A lua flutua no céu da noite..."

SÓRIN Eu queria sugerir ao Kóstia o tema para uma história. O título deve ser o seguinte "O homem que queria", "*L'Homme*

qui a voulu". Nos bons tempos, quando era moço, eu queria ser escritor, e não fui; queria falar bonito, e falava pessimamente [*zombando de si mesmo*]. "E portanto, não obstante, conforme eu ia dizendo, outrossim..." E acontecia que, em vez de fazer um resumo, eu me alongava, a ponto de ficar todo suado. Queria casar, e não casei; queria muito viver na cidade, e fui acabar minha vida no campo, e assim por diante.

DORN Queria ser um autêntico Conselheiro de Estado, e foi.

SÓRIN [*ri*] Não foi algo que desejei com ardor. Simplesmente, aconteceu.

DORN Expressar descontentamento com a vida, aos sessenta e dois anos de idade, o senhor há de convir, não é uma atitude generosa.

SÓRIN Mas que sujeito cabeça-dura! Entenda, isto é vontade de viver!

DORN Isso não passa de leviandade. Segundo as leis da natureza, toda vida precisa ter um fim.

SÓRIN O senhor raciocina como um homem saciado. O senhor está saciado e por isso é indiferente à vida; para o senhor, tanto faz. Mas espere só a hora de morrer e aí verá como é horrível.

DORN O temor da morte é um medo animal... É preciso sufocá-lo. Só temem a morte de forma consciente aqueles que crêem na vida eterna e sentem um medo terrível de seus pecados. Mas o senhor, em primeiro lugar, não acredita nisso; em segundo lugar... quais são os seus pecados? O senhor trabalhou durante vinte e cinco anos numa repartição da Justiça. Só isso e nada mais.

SÓRIN [*ri*] Vinte e oito anos...

[*Entra Trepliov e senta-se num banquinho aos pés de Sórin. Macha não desvia dele o olhar, nem por um momento.*]

DORN Estamos atrapalhando o trabalho de Konstantin Gavrílovitch.

TREPLIOV Não, de maneira alguma.

[*Pausa.*]

MIEDVIEDIÊNKO Permita que lhe pergunte, doutor, que cidade mais lhe agradou, quando esteve no exterior?

DORN Gênova.

TREPLIOV Por que Gênova?

DORN A multidão nas ruas é uma coisa magnífica. À noite, quando você sai do hotel, a rua inteira está apinhada de gente. Então você se deixa levar pela multidão, caminha ao léu, para um lado e para o outro, em ziguezague, você se sente unido às pessoas, funde-se à psique da multidão e começa até a acreditar na possibilidade real de existir uma alma do mundo, semelhante àquela alma do mundo que Nina Zariêtchnaia representou na sua peça, naquela ocasião. Por falar nisso, por onde anda a senhorita Zariêtchnaia? Como vai ela?

TREPLIOV Deve estar bem.

DORN Ouvi dizer que levava uma vida um tanto fora do comum. É verdade?

TREPLIOV Essa, doutor, é uma longa história.

DORN Pois faça um resumo.

[*Pausa.*]

TREPLIOV Ela fugiu de casa e foi viver com Trigórin. O senhor sabia disso?

DORN Sabia.

TREPLIOV Ela teve um filho. A criança morreu. Trigórin se cansou dela e voltou para os seus amores de antes, como já era de esperar. Aliás, ele nunca abandonou seus antigos amores e, como não tem nenhum caráter, sempre conseguiu dar um jeitinho para estar dos dois lados. Até onde posso avaliar, por tudo o que soube, a vida particular de Nina foi um redundante fracasso.

DORN Mas... e o teatro?

TREPLIOV Pior ainda, ao que parece. Ela estreou num teatro pequeno, em uma estação de veraneio nos arredores de Moscou, e depois seguiu para o campo. Eu nunca a perdia de vista e, por algum tempo, onde quer que ela estivesse, eu também estaria. Ela sempre era escalada para papéis importantes, mas representava de forma tosca, com mau gosto, aos berros e com gestos bruscos. Em alguns momentos, erguia a voz com talento, morria com talento, mas eram só alguns momentos.

DORN Então, apesar de tudo, ela tem talento?

TREPLIOV É difícil avaliar. Talvez tenha. Eu a via, mas ela não queria me ver, e a empregada não me deixava entrar no seu quarto de hotel. Eu entendia os sentimentos dela e não insistia para vê-la.

[*Pausa.*]

TREPLIOV O que mais posso lhe dizer? Depois, quando voltei para casa, recebi cartas de Nina. Cartas sensatas, cordiais, interessantes; ela não se queixava, mas eu percebia que estava profundamente infeliz; cada linha era um nervo retesado, doente. A imaginação também estava um pouco abalada. Ela assinava A Gaivota. Na peça *A sereia*, de Púchkin, o moleiro diz que é um corvo, da mesma forma que Nina, nas cartas, sempre repetia que era uma gaivota. Agora ela está aqui.

DORN Como assim, está aqui?

TREPLIOV Na cidade, numa hospedaria. Já faz uns cinco dias que está hospedada num quarto. Fui até lá para vê-la, e Maria Ilínitchna também foi, mas ela não recebe ninguém. Siemion Siemiónovitch garante que ontem, após o almoço, esteve com ela no campo, a duas verstas daqui.

MIEDVIEDIÊNKO É verdade, eu a vi. Ela estava voltando de lá para a cidade. Eu a cumprimentei, perguntei por que não vinha nos visitar. Respondeu que viria.

TREPLIOV Não vai vir.

[*Pausa.*]

TREPLIOV O pai e a madrasta nem querem ouvir falar dela. Puseram vigias em toda parte, para impedir que a filha sequer se aproxime da propriedade. [*Juntamente com o médico, dirige-se à escrivaninha*] Como é fácil ser filósofo no papel, doutor, e como é difícil, na vida real!

SÓRIN Era uma jovem fascinante.

DORN Como disse?

SÓRIN Eu disse que era uma jovem fascinante. Durante um tempo, até o Conselheiro de Estado Sórin esteve apaixonado por ela.

DORN Seu velhote namorador.

[*Ouve-se uma risada de Chamraiev.*]

POLINA Parece que já estão de volta da estação...

TREPLIOV Sim, estou ouvindo a voz de mamãe.

[*Entram Arkádina, Trigórin e, atrás deles, Chamraiev.*]

CHAMRAIEV [*entrando*] Todos nós estamos envelhecendo, nos degradando sob o efeito das intempéries, mas a prezadíssima senhora continua sempre jovem... de blusinha clara, cheia de vida... cheia de graça...

ARKÁDINA O senhor está querendo pôr mau olhado em mim de novo, homem enfadonho!

TRIGÓRIN [*para Sórin*] Como vai, Piotr Nikoláievitch? Continua adoentado? Mas isso não é bom! [*Ao ver Macha, se alegra*] Maria Ilínitchna!

MACHA O senhor me reconheceu? [*Aperta a mão dele*]

TRIGÓRIN Casou-se?

MACHA Há muito tempo.

TRIGÓRIN Está feliz? [*Cumprimenta Dorn e Miedviediênko e, em seguida, hesita antes de se aproximar de Trepliov*] Irina Nikoláievna me disse que o senhor já esqueceu o que houve e deixou sua raiva para trás.

[*Trepliov estende a mão para ele.*]

ARKÁDINA [*para o filho*] Boris Aleksiêievitch trouxe a revista que publicou o seu novo conto.

TREPLIOV [*apanha o volume; para Trigórin*] Muito obrigado. O senhor é muito gentil.

[*Senta-se.*]

TRIGÓRIN Seus admiradores lhe mandam cumprimentos... Em Petersburgo e em Moscou, todos estão muito interessados pelo senhor e não param de me fazer perguntas a seu respeito. Perguntam: como ele é, quantos anos tem, é moreno ou loiro? Por alguma razão, imaginam que o senhor já não é jovem. E ninguém sabe o seu sobrenome verdadeiro, pois o senhor assina com um pseudônimo. O senhor é misterioso, como o Máscara de Ferro.

TREPLIOV Vai ficar muito tempo aqui?

TRIGÓRIN Não, acho que amanhã mesmo sigo para Moscou. É preciso. Tenho de me apressar para terminar um romance e além disso prometi mandar alguma coisa para uma coletânea. Em suma, é a mesma história de sempre.

[*Enquanto os dois conversam, Arkádina e Polina Andréievna põem uma mesa de jogo no centro da sala e a desdobram; Chamraiev acende velas, arruma cadeiras. Retiram do armário um jogo de víspora.*]

TRIGÓRIN O clima não me deu uma acolhida muito aprazível. O vento está cortante. Amanhã de manhã, se o vento acalmar, irei até o lago para pescar. Por falar nisso, preciso rever o jardim e aquele local onde... o senhor se lembra...

encenaram a sua peça. Tenho um tema já bem maduro para desenvolver, só me falta recuperar a memória do local em que a ação se passa.

MACHA [*para o pai*] Papai, empreste um cavalo para o meu marido! Ele precisa ir para casa.

CHAMRAIEV [*irritado*] Cavalo... casa... [*Com severidade*] Você mesma é testemunha: eles acabaram de chegar da estação. Não se pode abusar dos cavalos.

MACHA Mas há outros cavalos... [*Vendo que o pai se mantém calado, abana as mãos*] Não adianta falar com o senhor...

MIEDVIEDIÊNKO Eu vou a pé, Macha. Não se preocupe...

POLINA [*com um suspiro*] A pé, num tempo desses... [*Senta-se à mesa de jogo*] Por favor, senhores. Sentem-se.

MIEDVIEDIÊNKO Afinal, são só seis verstas de distância... Adeus... [*Beija a mão da esposa*] Adeus, mamãe. [*A sogra, de má vontade, lhe dá a mão para beijar*] Eu bem que preferia não incomodar ninguém, mas o bebê... [*Faz um cumprimento com a cabeça para todos*] Adeus... [*Sai, com um ar de culpa*]

CHAMRAIEV Isso, tem mesmo de ir a pé. Não é nenhum general.

POLINA [*dando pancadinhas na mesa*] Por favor, senhores. Não vamos perder tempo, daqui a pouco vão nos chamar para o jantar.

[*Chamraiev, Macha e Dorn sentam-se à mesa.*]

ARKÁDINA [*para Trigórin*] Aqui, quando começam as noites longas de outono, é costume jogar víspora. Veja só: o velho

jogo de víspora, o mesmo que a falecida mamãe ainda jogava conosco, quando éramos crianças. O senhor não gostaria de tomar parte do nosso jogo, até a hora do jantar? [*Senta-se à mesa com Trigórin*] É um jogo enfadonho mas, depois que a gente se acostuma, não é tão ruim assim. [*Dá três cartas para cada jogador*]

TREPLIOV [*folheando a revista*] Ele leu o próprio conto de fio a pavio, mas nem soltou a ponta das folhas do meu conto. [*Põe a revista sobre a escrivaninha, em seguida se dirige para a porta da esquerda; ao passar pela mãe, beija sua cabeça*]

ARKÁDINA E você, Kóstia?

TREPLIOV Desculpe, não estou com vontade... Vou caminhar um pouco. [*Sai*]

ARKÁDINA A aposta é de dez copeques. Faça a aposta por mim, doutor.

DORN Com todo prazer.

MACHA Todos já apostaram? Então vou começar... Vinte e dois!

ARKÁDINA Eu tenho.

MACHA Três!

DORN É meu.

MACHA O senhor já marcou o três? Oito! Oitenta e um! Dez!

CHAMRAIEV Não corra.

ARKÁDINA Mas que recepção consagradora eu tive em Kharkov, meu Deus, minha cabeça está rodando até agora!

MACHA Trinta e quatro!

[*Por trás do palco, tocam uma valsa melancólica.*]

ARKÁDINA Os estudantes me aclamaram... Três corbelhas, duas coroas e ainda por cima isto aqui... [*Tira um broche do peito e o joga sobre a mesa*]

CHAMRAIEV Sim, é autêntica...

MACHA Cinqüenta!

DORN Cinqüenta redondos?

ARKÁDINA Usei roupas maravilhosas... Digam o que disserem, para me vestir, eu não sou nada boba.

POLINA Kóstia está tocando piano. Está triste, coitado.

CHAMRAIEV Os jornais o criticam demais.

MACHA Setenta e sete.

ARKÁDINA É só vontade de chamar atenção.

TRIGÓRIN Ele não tem tido sorte. Não consegue, de maneira alguma, alcançar o seu tom autêntico. Há algo estranho, vago, por vezes até semelhante à loucura. Nenhum personagem com vida própria.

MACHA Onze!

ARKÁDINA [*olhando para trás, na direção de Sórin*] Petruchka, está aborrecido?

[*Pausa.*]

ARKÁDINA Pegou no sono.

DORN O Conselheiro de Estado dorme.

MACHA Sete! Noventa!

TRIGÓRIN Se eu morasse numa propriedade como esta, à beira de um lago, vocês acham que eu teria vontade de escrever? Eu trataria de sufocar essa loucura e não faria outra coisa senão pescar no lago.

MACHA Vinte e oito!

TRIGÓRIN Pescar uma acerina ou uma perca, isto sim é o auge da felicidade!

DORN Pois eu acredito em Konstantin Gavrílitch. Há alguma coisa nele! Há alguma coisa! Ele sabe pensar por meio de imagens, seus contos são expressivos, vivazes, e provocam em mim sentimentos fortes. Só lamento que ele não tenha propósitos mais definidos. Cria impressões e mais nada, e o problema é que não se pode ir muito longe apenas com impressões. Irina Nikoláievna, a senhora está contente por seu filho ser escritor?

ARKÁDINA Imaginem só: eu ainda não li. Nunca tenho tempo.

MACHA Vinte e seis!

[*Trepliov entra em silêncio e caminha até a sua escrivaninha.*]

CHAMRAIEV [*para Trigórin*] Ah, Boris Aleksiêievitch, ficamos com uma coisa que lhe pertence.

TRIGÓRIN Que coisa?

CHAMRAIEV Certa vez, Konstantin Gavrílitch matou uma gaivota com um tiro e o senhor me encarregou de pedir que a empalhassem.

TRIGÓRIN Não me lembro disso. [*Pensativo*] Não me lembro!

MACHA Sessenta e seis! Um!

TREPLIOV [*abre a janela, põe-se a escutar*] Como está escuro! Não entendo de onde me vem essa angústia.

ARKÁDINA Kóstia, feche a janela, há uma corrente de ar.

[*Trepliov fecha a janela.*]

MACHA Oitenta e oito!

TRIGÓRIN Completei a minha cartela, senhores.

ARKÁDINA [*alegre*] Bravo! Bravo!

CHAMRAIEV Bravo!

ARKÁDINA Esse homem sempre tem sorte em tudo. [*Levanta-se*] E agora vamos beliscar alguma coisa. A nossa celebridade não almoçou hoje. Depois do jantar, vamos continuar o jogo. [*Para o filho*] Kóstia, largue os seus escritos e venha comer.

TREPLIOV Não quero, mamãe, não estou com fome.

ARKÁDINA Como quiser. [*Acorda Sórin*] Pietrucha, jantar! [*Dando o braço para Chamraiev*] Vou contar ao senhor como fui recebida em Kharkov...

[*Polina apaga as velas sobre a mesa, em seguida ela e Dorn empurram a cadeira de rodas. Todos saem pela porta da esquerda; no palco, resta apenas Trepliov, sentado à escrivaninha.*]

TREPLIOV [*põe-se a escrever; passa os olhos pelo que já escreveu*] Eu, que falava tanto em formas novas, agora sinto que, pouco a pouco, vou também caindo na rotina. [*Lê*] "Um cartaz na cerca apregoava... Um rosto pálido, emoldurado por cabelos escuros..." Apregoava, emoldurado... Isto é medíocre. [*Risca*] Vou começar com o herói acordando com o barulho da chuva, e todo o resto vai para o lixo. A descrição da noite de luar está longa e rebuscada. Trigórin desenvolveu algumas técnicas para uso próprio e assim ficou fácil para ele... Basta escrever que o gargalo de uma garrafa quebrada cintila na beira de um açude e que a

sombra da roda de um moinho se estende negra — e está pronta a noite de luar, mas para mim é preciso uma luz bruxuleante, estrelas cintilantes e serenas, e sons longínquos de um piano, que se extinguem no ar perfumado e silencioso... Isto é um suplício.

[*Pausa.*]

TREPLIOV Cada vez mais me convenço de que a questão não consiste em formas novas e formas velhas, mas sim em que a pessoa escreva sem pensar em formas, sejam quais forem, que ela escreva porque isso flui livremente da sua alma.

[*Alguém bate à janela próxima à escrivaninha.*]

TREPLIOV Quem é? [*Olha pela janela*] Não vejo nada... [*Abre a porta de vidro e olha para o jardim*] Alguém desceu correndo pela escada. [*Ergue a voz*] Quem está aí? [*Sai; ouvem-se seus passos ligeiros pela varanda; após meio minuto, retorna em companhia de Nina Zariêtchnaia*] Nina! Nina!

[*Nina abraça a cabeça de Trepliov contra o peito e tenta abafar os soluços.*]

TREPLIOV [*comovido*] Nina! Nina! É você... você... Foi como se eu tivesse um pressentimento, minha alma ficou terrivelmente aflita o dia todo. [*Toma de Nina seu chapéu e seu manto*] Ah, minha querida, minha adorada, ela voltou! Não vamos chorar, nada de choro.

NINA Tem alguém aqui.

TREPLIOV Ninguém.

NINA Tranque as portas para que não entrem.

TREPLIOV Ninguém vai entrar.

NINA Eu sei que Irina Nikoláievna está aqui. Tranque as portas...

TREPLIOV [*fecha a porta da direita à chave, dirige-se à porta da esquerda*] Esta não tem tranca. Vou barrar a entrada com uma poltrona. [*Põe uma poltrona encostada à porta*] Não tenha medo, ninguém vai entrar.

NINA [*olha fixamente para o rosto dele*] Deixe-me olhar para você. [*Olha em volta*] Aqui dentro está quente, agradável... Antes, aqui ficava a sala de visitas. Mudei muito?

TREPLIOV Sim... emagreceu, e seus olhos ficaram maiores. Nina, nem acredito que eu esteja vendo você. Por que não quis me receber? Por que não veio antes? Eu sei que você está aqui já faz quase uma semana... Fui todos os dias até onde você está hospedada, várias vezes por dia, me plantei embaixo da sua janela, como um mendigo.

NINA Eu tinha medo de que você estivesse com ódio de mim. Sonho todas as noites que você olha para mim e não me reconhece. Se você soubesse! Desde a minha chegada, caminhei muitas vezes por aqui... na beira do lago. Quantas vezes estive perto da sua casa e não me atrevi a entrar. Vamos sentar.

[*Sentam-se.*]

NINA Vamos sentar e ficar conversando, conversando. Aqui é agradável, quente, acolhedor... Escute... é o vento? Há em

Turguêniev um trecho que diz: "feliz de quem, numa noite como esta, tem um teto para se abrigar e um cantinho aquecido". Eu sou uma gaivota... Não, não é isso. [*Esfrega a testa*] O que eu estava dizendo? Ah, sim... Turguêniev... "E que Deus proteja todos os desabrigados que vagam sem rumo..." Não é nada. [*Soluça*]

TREPLIOV Nina, você está de novo... Nina!

NINA Não é nada, isso me alivia... Já fazia dois anos que eu não chorava. Ontem, tarde da noite, fui ao jardim, ver se o nosso teatro ainda estava de pé. E ele está lá até hoje. Chorei pela primeira vez, em dois anos, e me senti aliviada, minha alma ficou mais serena. Veja, já não estou mais chorando. [*Segura a mão dele*] Mas quer dizer que você agora já é um escritor... Você é um escritor e eu, uma atriz... Caímos nós dois no mesmo turbilhão... Eu vivia alegre, como uma criança... acordava de manhã e começava a cantar; amava você, sonhava com a glória, e agora? Amanhã, bem cedo, partirei para Iêlets, num vagão de terceira classe... junto com os camponeses, e em Iêlets os comerciantes que se julgam instruídos vão me importunar com as suas atenções. Que vida sórdida!

TREPLIOV Para que você vai a Iêlets?

NINA Assinei um contrato para o inverno inteiro. Está na hora de partir.

TREPLIOV Nina, eu amaldiçoei você, senti ódio, rasguei suas cartas e fotografias, mas sabia o tempo todo que minha alma estava ligada à sua, para sempre. Deixar de amar você, Nina, é uma coisa que está além de minhas forças. Desde que perdi você e desde que meus textos começaram a ser publicados,

a vida para mim se tornou insuportável... eu sofro... De uma hora para outra, minha juventude foi como que arrancada à força, e eu me sinto como se já tivesse vivido noventa anos neste mundo. Eu chamo o seu nome em voz alta, beijo a terra em que você pisou; para onde quer que eu olhe, aparece sempre o seu rosto, este sorriso carinhoso, que me iluminava nos melhores anos da minha vida...

NINA [*desconcertada*] Para que ele está falando isso, para que ele está falando isso?

TREPLIOV Estou sozinho, nenhum afeto me conforta, estou frio, como num subterrâneo, e tudo o que escrevo é seco, duro, sombrio. Fique aqui, Nina, eu imploro, ou então permita que eu vá com você!

[*Nina, rapidamente, põe o chapéu e veste o manto.*]

TREPLIOV Por quê? Pelo amor de Deus, Nina... [*Observa, enquanto ela se arruma; pausa*]

NINA Meus cavalos estão à minha espera, na porteira. Não me acompanhe, irei sozinha... [*Entre lágrimas*] Me dê um pouco de água...

TREPLIOV [*dá de beber a ela*] Para onde vai agora?

NINA Para a cidade.

[*Pausa.*]

NINA Irina Nikoláievna está aqui?

TREPLIOV Está... Na quinta-feira, titio não passou bem, nós telegrafamos para ela, pedindo que viesse.

NINA Por que você disse que beijava a terra em que eu pisava? O certo seria me assassinar. [*Inclina-se sobre a mesa*] Estou tão esgotada! Quem me dera poder descansar... descansar! [*Levanta a cabeça*] Eu sou uma gaivota... Não, não é isso. Eu sou uma atriz. É isto! [*Ouve o riso de Arkádina e de Trigórin, põe-se à escuta, em seguida corre até a porta da esquerda e olha pelo buraco da fechadura*] Ele também está aqui... [*Volta para perto de Trepliov*] Ora... Não é nada... Sim... Ele não acreditava no teatro, sempre ria dos meus sonhos, e assim, pouco a pouco, eu também fui deixando de acreditar e caí num desânimo... E então vieram as aflições do amor, os ciúmes, os receios incessantes com o bebê... Eu me tornei mesquinha, fútil, representava de forma leviana... Não sabia o que fazer com as mãos, não sabia como me postar no palco, não dominava a minha voz. Você nem pode imaginar o que é isso, um ator perceber que está representando pessimamente. Eu sou uma gaivota. Não, não é isso... Lembra que você matou uma gaivota com um tiro? Um homem chegou por acaso, viu uma gaivota e, por pura falta do que fazer, matou a gaivota... O tema para um pequeno conto. Mas não é isso... [*Esfrega a testa com a mão*] Do que eu estava falando?... Falava sobre o teatro. Agora não sou mais assim... Sou uma atriz de verdade, represento com satisfação, com entusiasmo, uma embriaguez me domina no palco e eu me sinto linda. Agora, enquanto estou aqui, caminho o tempo todo, caminho e penso, o tempo todo, caminho e sinto que meu espírito se torna mais forte a cada dia... Agora eu sei, Kóstia, agora eu compreendo que no nosso trabalho, representando no

palco ou escrevendo, o que importa não é a glória, não é o esplendor, não é aquilo com que eu tanto sonhava, mas sim a capacidade de suportar. Aprenda a carregar a sua cruz e acredite. Eu acredito e, assim, nem sofro tanto e, quando penso na minha vocação, não sinto medo da vida.

TREPLIOV [*com tristeza*] Você encontrou o seu caminho, sabe para onde ir, enquanto eu continuo mergulhado no caos dos devaneios e das visões, sem saber para que e para quem isso serve. Eu não acredito e não sei qual a minha vocação.

NINA [*escutando atentamente*] Psss... Eu já vou. Adeus. Quando eu me tornar uma grande atriz, venha me ver. Promete? Mas agora... [*Aperta a mão dele*] Já é tarde. Mal me agüento em pé... Estou exausta, sinto fome...

TREPLIOV Não vá embora, eu lhe trarei um jantar...

NINA Não, não... Não me acompanhe, eu irei sozinha... Os meus cavalos estão perto daqui... Quer dizer que ela veio com ele? Ora, tanto faz. Quando estiver com Trigórin, não lhe conte nada... Eu amo Trigórin. Eu o amo ainda mais do que antes... O tema para um pequeno conto... Eu amo, amo apaixonadamente, amo até o desespero. Como era bom, nos velhos tempos, Kóstia! Lembra? Que vida radiante, afetuosa, alegre, pura, que sentimentos... sentimentos semelhantes a flores delicadas, graciosas... Lembra? [*Recita*] "Homens, leões, águias e perdizes, cervos de grandes chifres, gansos, aranhas, peixes silenciosos que habitavam as águas, estrelas do mar e criaturas que os olhos não eram capazes de ver — em suma, todas as vidas, todas as vidas, todas as vidas, depois de concluírem seu triste ciclo, se extinguiram... Há muitos milhares de anos

não existe mais uma única criatura viva sobre a terra e esta pobre lua acende sua lanterna em vão. No prado, os grous já não despertam com um grito, nem se ouvem os besouros nos bosques de tílias..." [*Abraça Trepliov impetuosamente e foge pela porta de vidro*]

TREPLIOV [*após uma pausa*] Não vai ser nada bom se alguém topar com ela no jardim e depois contar para mamãe. Isso pode deixar mamãe transtornada... [*Durante dois minutos, em silêncio, ele rasga todos os seus manuscritos e os atira embaixo da mesa, depois destranca a porta da direita e sai*]

DORN [*tentando abrir a porta da esquerda*] Que estranho. Parece que a porta está trancada... [*Entra e põe a poltrona no lugar*] É como uma corrida de obstáculos.

[*Entram Arkádina, Polina Andréievna, mais Iákov, que traz algumas garrafas, e Macha, em seguida Chamraiev e Trigórin.*]

ARKÁDINA Ponha o vinho tinto e a cerveja aqui na mesa, para Boris Aleksiéievitch. Vamos jogar e beber. Sentem-se, senhores.

POLINA [*para Iákov*] Traga logo o chá, também. [*Acende as velas, senta-se à mesa de jogo*]

CHAMRAIEV [*leva Trigórin até o armário*] Eis o objeto a respeito do qual eu lhe falei há pouco... [*Retira do armário a gaivota empalhada*] A encomenda que o senhor me fez.

TRIGÓRIN [*examinando a gaivota*] Não me lembro! [*Depois de pensar um pouco*] Não me lembro!

[*À direita do palco, ouve-se o som de um tiro; todos se sobressaltam.*]

ARKÁDINA [*assustada*] O que foi isso?

DORN Não foi nada. Na certa estourou algum frasco na minha valise de remédios. Não se preocupe. [*Sai pela porta da direita e volta meio minuto depois*] Exatamente o que pensei. Um frasco de éter estourou. [*Cantarola*] "De novo enfeitiçado estou diante de ti..."

ARKÁDINA [*senta-se à mesa*] Puxa, que susto levei. Isso me fez lembrar o dia em que... [*Cobre o rosto com as mãos*] Meus olhos até escureceram...

DORN [*folheando uma revista, para Trigórin*] Uns dois meses atrás, saiu publicado aqui um artigo... uma carta da América, e eu gostaria de perguntar ao senhor, a respeito disso... [*puxa Trigórin pela cintura e o conduz para a frente do palco*] ... pois estou muito interessado nesse assunto... [*Em tom grave, à meia voz*] Leve Irina Nikoláievna embora daqui, para qualquer lugar. A verdade é que Konstantin Gavrílovitch se matou...

[*Cortina.*]

UM PÁSSARO NA MÃO *Posfácio*

Dr. Tchekhov, médico rural em Melikhovo, 1892.

Numa carta de 1892, Anton Tchekhov relatou: "o pintor Levitan está passando uns dias no meu sítio. Ontem, ao entardecer, eu e ele fomos à zona de caça às galinholas. Levitan disparou e uma ave, ferida na asa, caiu num charco. Eu a levantei. Tinha um bico comprido, olhos grandes e pretos e uma plumagem bonita. Olhava para nós, espantada. O que podíamos fazer? Levitan franziu a testa, fechou os olhos e me suplicou, com voz trêmula: 'Por favor, esmague a cabeça dela com a coronha do rifle.' Respondi que não podia. Ele não parava de sacudir os ombros, nervoso, contraía o rosto e suplicava. A galinhola olhava para mim, espantada. Tive de obedecer a Levitan e matá-la. E, enquanto dois imbecis voltavam para casa e sentavam-se para jantar, havia uma criatura fascinante a menos no mundo."

Esse episódio irá ecoar na peça que Tchekhov escreverá três anos depois, em 1895. No lugar da galinhola, uma gaivota: alvejada por um escritor e empalhada por outro. Mas o pressentimento da índole predatória que assombra a atividade do artista e a inevitável frieza com que o forte desfruta o fraco se fazem presentes na peça com a mesma revolta impotente que marca a recordação anotada naquela carta.

"Estou escrevendo uma peça que na certa não terminarei antes do fim de novembro. Não posso negar que me agrada escrevê-la, embora esteja obviamente desrespeitando os princípios elementares do teatro. A comédia tem três papéis femininos,

seis masculinos, quatro atos, uma paisagem (uma vista para um lago), muita conversa sobre literatura, pouca ação e cinco arrobas de amor." Assim Tchekhov, numa carta de 21 de outubro de 1895, deu notícia de sua peça *A gaivota*. Cinco dias depois, escreveu para outra pessoa: "Terminei minha peça. Não é nada demais. No conjunto, diria que sou um dramaturgo medíocre". Mas parece que a reescreveu e, no dia 21 de novembro, em outra carta, registrou: "Terminei minha peça. A despeito de todas as regras da arte dramática, eu a comecei *forte* e acabei *pianissimo* [...]. Estou antes de tudo insatisfeito e vejo que não sou de forma alguma dramaturgo". Tchekhov enviou o manuscrito para o amigo e pediu: "Não mostre para ninguém". Continuou a reescrever e só em julho de 1896 mandou o texto final para a aprovação da censura.

A gaivota foi a primeira peça a que Tchekhov conseguiu dar uma feição equivalente ao modo como, já havia algum tempo, construía seus contos. Suas primeiras obras para o teatro foram curtas e humorísticas. Duas tentativas mais ambiciosas, *Ivanóv* e *O demônio da floresta*, o frustraram e atraíram críticas. Não foi diferente o destino de *A gaivota*, pelo menos em sua primeira apresentação, na noite de 17 de outubro de 1896, em São Petersburgo. A platéia vaiou, gritou, zombou dos atores em cena, alguns espectadores levantaram-se para conversar aos brados. Tchekhov assistiu aos dois primeiros atos e depois se refugiou nos bastidores. Ao fim do primeiro ato, jornalistas e críticos de teatro correram ao bar e exclamavam: "Onde está a ação?", "Ele está acabado", "Perdeu o talento", "É tudo tão insípido". E os jornais da manhã seguinte, em coro, publicaram críticas ásperas.

Por mais que isso o tenha abalado, Tchekhov não foi apanhado de surpresa. Numa carta escrita poucos dias antes da estréia, já registrara sua apreensão e até relatara um pesadelo: "casam-me com uma mulher que não amo e sou insultado nos jornais". O escritor vinha acompanhando os ensaios apressados e caíra em desânimo, ante o desempenho dos atores. Além disso, Tchekhov sabia não contar com muita simpatia nos meios literários de São Petersburgo. O ambiente pretensioso da capital quase sempre o aborrecera e o ânimo pouco sociável demonstrado por Tchekhov em suas estadas na cidade havia deixado um rastro de ressentimento. "Meus amigos e conhecidos de Petersburgo estão aborrecidos comigo? [...] Pois que fiquem", escreveu numa carta em 1890. E, um ano depois, descreveu

A gaivota, primeiro ato, na estréia em São Petersburgo, 1896.

Charge de época: "A gaivota nas garras da decadência", 1896.

nestes termos uma nova visita à capital: "Eu me vi cercado por uma atmosfera de absurda e indefinível má vontade [...]. Eles me entopem com jantares, me cobrem de elogios triviais e ao mesmo tempo gostariam de me comer vivo [...]. Não são gente, mas algum tipo de mofo ambulante".

Porém a causa imediata do fracasso da primeira montagem pode ter sido algo mais simples. Vigorava, na época, a tradição de dedicar a estréia em benefício de um ator famoso. Às vezes, nessas ocasiões, duas peças eram encenadas na mesma noite e assim aconteceu a 17 de outubro. A homenageada foi a atriz cômica Levkêieva, que entraria em cena numa comédia após a apresentação de *A gaivota*. A platéia, em sua maior parte formada por admiradores de Levkêieva, estava ansiosa para rir de suas personagens burlescas.

O fiasco da estréia de *A gaivota* levou Tchekhov a partir de São Petersburgo bem cedo na manhã seguinte, depois de

deixar um bilhete para o amigo em cuja casa estava hospedado: "Nunca mais escreverei outra peça". Este amigo, dias depois, o censurou pela sua partida precipitada e Tchekhov assim se explicou: "Agi com a sensatez e a frieza de um homem que apresentou um pedido de casamento e foi recusado [...]. Quando cheguei à minha casa, bebi óleo de rícino, tomei um banho de água fria e agora estou pronto para escrever outra peça".

Antes de ser retirada de cartaz, *A gaivota* teve mais oito apresentações em São Petersburgo, diante de um público mais apropriado. As notícias que chegaram a Tchekhov davam conta da boa recepção do espetáculo, mas nada disso alcançou os

Charge de época: "Caça à gaivota", 1896.

Konstantin Stanislávski: Tchekhov reprovou sua idéia de trazer para o palco um grupo de mães e crianças chorosas, na cena final do terceiro ato.

Em vez de fazer soar o coaxar dos sapos na cena da peça de Trepliov, **Nemirótvitch-Dântchenko** preferia "o completo e enigmático silêncio".

jornais e a péssima impressão da estréia não se desfez. Embora Tchekhov não autorizasse a montagem da peça nas principais cidades do país, *A gaivota* foi representada por companhias modestas, em Kíev, Odessa e em várias províncias do império russo, com boa repercussão, e houve até uma montagem em Praga, numa tradução para o tcheco. Desse modo, quando a peça afinal chegou a Moscou, em 1898, por iniciativa do recém-criado Teatro de Arte de Moscou, os comentários em favor da obra já vinham se acumulando gradualmente.

Coube ao ator e diretor Nemirótvitch-Dântchenko dobrar a resistência de Tchekhov, após o fiasco de 1896, e convencê-lo a ceder a peça à sua companhia: "Eu lhe asseguro, você não encontrará um diretor que o idolatre mais ou uma companhia que o admire mais". Coube também a ele, mais afeito à obra de Tchekhov, orientar os companheiros na montagem dessa peça que exigia uma produção, conforme insistia Dântchenko, "livre de toda rotina". Konstantin Stanislávski, também diretor da nova companhia, representou o papel de Trigórin, enquanto o jovem Meierhold representou o papel de Trepliov. À atriz Olga Knipper, futura esposa de Tchekhov, coube o papel de Irina Nikoláievna.

O êxito não poderia ter sido maior e abriu caminho para o talento renovador desses artistas, que viriam a deixar sua marca no teatro do século XX. Tchekhov, de fato, se empolgou com o grupo de atores, cujos ensaios por vezes presenciou. Mas advertia a Stanislávski que Trigórin devia usar um sapato furado,

Художественно-общедоступный
(Каретный ряд „Эрмитажъ"). Театръ (Каретный ряд „Эрмитажъ").
Въ Четвергъ, 17-го Декабря,
поставлено будетъ въ первый разъ:
ЧАЙКА
Драма въ 4-хъ действіяхъ, соч. Антона Чехова.
Режиссеры К. С. Станиславскій и Вл. И. Немировичъ-Данченко
Начало въ 7½ ч. веч., окончаніе около 11½ ч. ночи.
Лица, записавшіяся на первое представленіе драмы „Чайка", благоволятъ получить билеты до 4-хъ час. Среды, 16-го Декабря, послѣ чего они поступаютъ въ общую продажу.
Въ Пятницу, 18-го Декабря, второе представленіе драмы: ЧАЙКА.
ЦѢНА МѢСТАМЪ ОБЫКНОВЕННАЯ.
Касса открыта отъ 10 час. утра до 8 час. вечера.
Главный режиссеръ К. С. Станиславскій Завѣдующій репертуаромъ Вл. И. Немировичъ-Данченко

Cartaz da estréia de *A gaivota* na encenação do Teatro de Arte de Moscou, dezembro de 1898.

A gaivota, segundo ato, 1898.

vestir calça xadrez e fumar um charuto fedorento, em vez de mostrar-se como um dândi. O dramaturgo também reprovou a concepção de Stanislávski para o final do terceiro ato – a cena da despedida –, em que o diretor imaginara trazer para o palco um grupo de mães e crianças chorosas. No geral, Tchekhov insistia em que os atores evitassem toda ênfase sentimental. Isso talvez ajude a esclarecer uma dúvida freqüente entre os seus leitores: a rubrica que Tchekhov acrescentou ao título da peça – "comédia".

Afinal, são raros os momentos de riso ou de mera alegria em *A gaivota*, ao passo que não faltam, para os personagens, motivos para tristeza ou mesmo para o desespero. O problema pode se tornar compreensível se lembrarmos que a noção rigorosa de comédia equivale menos ao riso do que ao estilo baixo – em contraste com o estilo elevado, da tragédia. Tchekhov negava crédito aos ideais alçados além da medida do cotidiano e da vida comum. Não pretendia pôr em cena gênios, heróis ou mártires desses ideais, nem os vilões que por força os acompanham. Em vez de fazer soar, no palco, falas graves a todo instante em meio a uma sucessão de acontecimentos terríveis, Tchekhov imaginara personagens que comentavam o calor, o frio ou as doenças, calavam-se por falta de assunto e pouco agiam em uma história quase desprovida de acontecimentos. Pois assim a vida se mostrava, na maior parte do tempo, aos seus olhos.

A rigor, em *A gaivota*, há antes coisas que não acontecem, em um enredo que parece não caminhar para parte alguma. No entanto, entre diálogos triviais, aspirações e desavenças corriqueiras, apenas rompidas por reflexões nada idealizadas sobre a atividade do artista, uma crise obscura se avoluma pouco a pouco.

Um desajuste sutil impede que os personagens entendam uns aos outros e subtrai de cada um a compreensão do que eles mesmos desejam e pensam. Esse desajuste e essa crise fazem as vezes de uma estrutura para a peça, soldam as partes que parecem à deriva. Ao mesmo tempo, permitem pressentir o que há subjacente às camadas de banalidade e de frustração.

Em uma composição desse tipo, mesmo que sobrevenha ao final um acontecimento de impacto – como é o caso em *A gaivota* –, não haverá um desfecho propriamente dito. Tal acontecimento, por mais dramático que pareça, por mais sofrimento que concentre em si, não representa nem solução, nem desvelamento, nem catarse. O espectador subentende que a mesma crise e o mesmo desajuste prosseguirão intactos e apenas se agravarão na vida futura dos personagens.

A gaivota foi a primeira das quatro peças que Tchekhov escreveria até 1904 e que o tornaram um clássico do teatro. Reúne, mais do que as outras, as reflexões literárias do autor, em especial no tocante à degradação do impulso criador do artista, quando se integra ao curso da sociedade. Os dois escritores e as duas atrizes que formam o núcleo dos personagens configuram um movimento de contrastes, ao qual no entanto falta um eixo, ou qualquer ponto de apoio constante. Nenhum deles tem um modelo em que confiar, nem um caminho por onde fugir.

Tchekhov inseriu no primeiro ato uma pequena peça dentro da sua peça, em um esquema que alude a *Hamlet*. Reforçou essa alusão nos diálogos entre Trepliov e sua mãe, uma atriz famosa, com caprichos de rainha. A linguagem usada na peça dentro da peça nos parece estranha, mas representa, de maneira

algo deformada, uma alusão à poética simbolista, que se introduzira pouco tempo antes na Rússia e causava certa sensação. A mãe de Trepliov classifica a obra do filho de "decadente", termo usado então de forma rotineira para desdenhar das obras simbolistas. Liev Tolstói, por sua vez, também classificou *A gaivota* de decadente. Assim, sem notar, com uma única palavra, ergueu um tablado sob os próprios pés e transformou a si, mas também a nós, em personagens de uma outra peça. Por sinal, a mesma a que ainda assistimos.

Rubens Figueiredo